



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL  
DA LUSOFONIA AFRO- BRASILEIRA  
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS  
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**FERNANDA DE OLIVEIRA SILVA**

**A REPRESENTATIVIDADE DO NEGRO NA LITERATURA INFANTIL  
BRASILEIRA NAS OBRAS DE MONTEIRO LOBATO: “OS DOZE TRABALHOS DE  
HÉRCULES - I”, “CAÇADAS DE PEDRINHO” E “MEMÓRIAS DE EMÍLIA”**

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2023**

**FERNANDA DE OLIVEIRA SILVA**

**A REPRESENTATIVIDADE DO NEGRO NA LITERATURA INFANTIL  
BRASILEIRA NAS OBRAS DE MONTEIRO LOBATO: “OS DOZE TRABALHOS DE  
HÉRCULES - I”, “CAÇADAS DE PEDRINHO” E “MEMÓRIAS DE EMÍLIA”**

Monografia do curso de graduação de Licenciatura em Pedagogia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, campus do Malês, São Francisco do Conde. Elaborado como requisito de avaliação para conclusão do curso.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Matheus Benedicto.

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2023**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Sistema de Bibliotecas da Unilab  
Catalogação de Publicação na Fonte

S58r

Silva, Fernanda de Oliveira.

A representatividade do negro na literatura infantil brasileira nas obras de Monteiro Lobato :  
“Os doze trabalhos de Hércules - I”, “Caçadas de Pedrinho” e “Memórias de Emília” /  
Fernanda de Oliveira Silva. - 2023.

64 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Instituto de Humanidades e  
Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira,  
2023.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Matheus Benedicto.

1. Literatura infantojuvenil brasileira - História e crítica. 2. Racismo na literatura. I. Lobato,  
Monteiro, 1882-1948 - Crítica e interpretação. II. Título.

BA/UF/BSCM

CDD 808.899282

**FERNANDA DE OLIVEIRA SILVA**

**A REPRESENTATIVIDADE DO NEGRO NA LITERATURA INFANTIL  
BRASILEIRA NAS OBRAS DE MONTEIRO LOBATO: “OS DOZE TRABALHOS DE  
HÉRCULES - I”, “CAÇADAS DE PEDRINHO” E “MEMÓRIAS DE EMÍLIA”**

Monografia apresentada como parte dos requisitos para obtenção de grau Licenciada em Pedagogia, no Curso de Licenciatura em Pedagogia, do Instituto de Humanidades e Letras-IHL, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – Unilab.

Data de aprovação: 27 de janeiro de 2023.

**BANCA EXAMINADORA**

**Prof. Dr. Ricardo Matheus Benedicto – (Prof. Orientador)**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - Unilab

**Prof.<sup>a</sup> Dra. Professora Andréia Cardoso Silveira (Prof.<sup>a</sup> Avaliadora)**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - Unilab

**Prof. Dr. Paulo Sérgio de Proença (Prof. Avaliador)**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - Unilab

## RESUMO

A presente monografia trata da representação do negro na literatura infantil brasileira nas obras de Monteiro Lobato: *Os doze trabalhos de Hércules- I*, *Caçadas de Pedrinho* e *Memórias de Emília*. Este trabalho, pretende como via principal investigar e analisar possíveis indicações pejorativas, preconceituosas e discriminatórias direcionadas aos negros nas presentes obras analisadas. Busca-se identificar o lugar e o retrato que é atribuído e que se faz aos negros nas obras direcionadas ao público infantil. Compreende-se ao trabalho enfatizar por meio de uma verificação sobre a hipótese da possível reprodução do racismo no contexto social da literatura infantil, através da identificação de possíveis abordagens racistas nas produções literárias do escritor. Para tal será utilizado o método de pesquisa de abordagem qualitativa, compreendendo revisão bibliográfica, análises, exploração e investigação para eventual posição ou possível direcionamento a respeito do tema.

**Palavras-chave:** literatura infantojuvenil brasileira - história e crítica; Lobato, Monteiro, 1882-1948 - crítica e interpretação; racismo na literatura.

## ABSTRACT

This monograph deals with the representation of black people in Brazilian children's literature in the works of Monteiro Lobato: *Os doze trabalhos de Hércules - I*, *Caçadas de Pedrinho* and *Memórias de Emília*. This work intends, as its main path, to investigate and analyze possible pejorative, prejudiced and discriminatory indications directed at blacks in the present analyzed works. It seeks to identify the place and portrait that is attributed and made to black people in works aimed at children. It is understood that the work emphasizes through a verification of the hypothesis of the possible reproduction of racism in the social context of children's literature, through the identification of possible racist approaches in the writer's literary productions. For this, the research method of qualitative approach will be used, including a bibliographical review, analysis, exploration and investigation for a possible position or possible direction regarding the theme.

**Keywords:** Brazilian children's literature - history and criticism; Lobato, Monteiro, 1882-1948 - criticism and interpretation; racism in literature.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	8
<b>2</b>	<b>CAPÍTULO 1 - RACISMO E LITERATURA NO BRASIL</b>	11
2.1	O NEGRO NA SOCIEDADE BRASILEIRA	11
2.2	LITERATURA INFANTIL E A REPRESENTATIVIDADE DO NEGRO	13
2.3	EFEITOS PSICOSSOCIAIS DO RACISMO	15
<b>3</b>	<b>CAPÍTULO 2 - ESTUDO DO DISCURSO DE MONTEIRO LOBATO: PRESENÇA DE IDEOLOGIAS RACISTAS OU NÃO EM SUAS OBRAS</b>	22
3.1	PERFIL HISTORIOGRÁFICO DO AUTOR	22
3.2	LOBATO E OS MOVIMENTOS DA EUGENIA NO BRASIL	23
3.3	NARRATIVAS A FAVOR OU CONTRA AS PERSPECTIVAS RACISTAS DO AUTOR	31
<b>4</b>	<b>CAPÍTULO 3 - ANÁLISE DO RACISMO NA LITERATURA LOBATIANA</b>	41
4.1	ANÁLISE DA OBRA “ <i>OS DOZE TRABALHOS DE HÉRCULES</i> ”	42
4.2	ANÁLISE DA OBRA “ <i>CAÇADAS DE PEDRINHO</i> ”	46
4.3	ANÁLISE DA OBRA “ <i>MEMÓRIAS DE EMÍLIA</i> ”	52
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	58
	<b>REFERÊNCIAS</b>	62

## 1 INTRODUÇÃO

A monografia em questão tem como foco principal a identificação de possíveis abordagens racistas e preconceituosas nas produções do escritor brasileiro José Bento Renato Monteiro Lobato<sup>1</sup>. Emergindo a problemática da reprodução do racismo no meio infantil, e ocasionando assim aspectos como a negação da própria identidade racial, o apagamento e inferiorização da cultura negra, a discriminação, a possível formação de futuros cidadãos racistas e a perpetuação de uma sociedade desigual. O objetivo geral é investigar a posição do negro no contexto educacional e social das produções literárias “Os doze trabalhos de Hércules I” (1985), “Caçadas de Pedrinho” (2003) e “Memórias de Emília” (2009) do escritor, compreendendo como algumas especificidades descrever a representação da negritude nas produções literárias e didáticas das obras citadas; identificar o lugar do negro na sociedade segundo a visão do autor; e verificar supostas expressões pejorativas direcionadas a raça negra nas obras.

Partindo da pouca visibilidade dirigida à posição representacional do negro nas produções literárias infantis mais divulgadas no Brasil e pela importância de investigar e identificar possíveis conteúdos racistas e discriminatórios referentes aos negros principalmente nas obras de Monteiro Lobato, obras estas que também são usadas como recursos didáticos educacionais em escolas de toda a etapa da educação básica. E considerando que todo conhecimento apresentado para crianças contribui para sua formação, portanto, é de interesse social a análise de obras que caracterizem possíveis discriminações raciais.

Tendo em vista a posição que o autor ocupa no âmbito da literatura brasileira, como um dos autores principais e de relevante prestígio são essenciais investigações e pesquisas pertinentes à veracidade da intenção dos descritos em referência a população negra brasileira.

Outro fator preponderante para efetivação da pesquisa é a complexidade da problemática que compreende o escritor Monteiro Lobato e o uso de suas obras no meio educacional infantil, pois caso constatada reproduções de práticas discriminatórias raciais no âmbito infantil a sociedade brasileira se confrontará com um modelo educacional que não condiz com as normas constitucionais de igualdade para todos os cidadãos, já que haverá

---

<sup>1</sup> José Bento Monteiro Lobato nasceu em 18 de abril de 1882, mas afirmava que tinha nascido em 1884 na cidade de Taubaté (ROSCHER, s.d.). Mais tarde foi registrado com o nome de José Renato Monteiro Lobato, cujas inscrições “JRML” estavam gravadas numa bengala que herdou. Seus pais, José Marcondes Lobato e Olímpia Augusta Monteiro Lobato, filha de José Francisco Monteiro era barão e depois, virou o visconde de Tremembé. Seus avós paternos também possuíam grandes fazendas de café no Vale do Rio Paraíba. Monteiro Lobato, como era conhecido, foi inventor, escritor, jornalista, romancista, contista, editor e crítico literário (ENCICLOPÉDIA, s.d.). (SANTOS, 2022, p.786)



agressão ao direito do indivíduo negro brasileiro. Por outro lado, não havendo discriminações racistas, estaria Lobato sofrendo acusações injustas que ferem sua moral e dignidade. Para tanto, entre as motivações que justificam a elaboração do trabalho destaca-se as descobertas e aprendizados que me oferecem o meio acadêmico, a experiência com uma construção mais ampla do pensamento crítico para com a realidade apresentada, o que desperta desejo de soma às contribuições de desconstrução dos processos educativos que ainda mantém resquícios de discriminações racistas e preconceituosas coloniais, e essa soma é consequência da trajetória universitária proporcionada pelas aulas, discussões, palestras e saberes apresentados em conjunto a experiência e construção de conhecimento próprio.

A abordagem do tema proposto envolve-nos no ponto crítico do fato de um dos, se não o mais importante autor da literatura infantil brasileira, apresentar-se possivelmente como indivíduo racista, fato que lhe implicaria na posição de prestígio o dado, pela sociedade de literatura brasileira, e numa esdrúxula contradição, de um país caracterizado por uma ideologia de democracia racial, ter na sua composição literal como principal pilar um autor que supostamente inferioriza uma das etnias construtoras da nação.

Diante do possível problema exposto, é evidente a necessidade de uma profunda investigação para constatação da real posição do escritor, referente à representação da população negra, compreendendo uma possível revisão de suas obras, logo estas após investigação apresentem caracterização de fenômeno racista. O reconhecimento do fenômeno deve ocorrer para que ações de combate antirracista possam ser implantadas nos âmbitos educacionais (escola e família) de formação do público infantil, e consequentemente conteúdos pejorativos não sejam propagados.

Para tanto pretende-se analisar as seguintes obras: “Os doze trabalhos de Hércules I, Caçadas de Pedrinho e Memórias de Emília”. A primeira obra escolhida se justifica pelo contexto da narrativa acontecer em período possivelmente descontextualizado aos aspectos da escravidão o que descaracterizaria a argumentativa do autor estar apenas retratando uma época ou executando um retrato fiel de uma sociedade, logo a escolha da obra é de caráter pontual para investigação. A segunda traz como sustentação de escolha o fato de a obra estar envolvida em uma polêmica de denúncia e solicitação de veto da distribuição das obras nas escolas públicas realizada pelo Instituto de Advocacia Racial (Iara) ao Ministério da Educação através do CNE (Conselho Nacional de Educação), o que possibilitará a investigação combustível de contrapontos fundamentais para discussão. A terceira e última obra escolhida se justifica por tratar da narrativa que envolve histórias da personagem ‘Emília’, esta que hipoteticamente

traduz os ideais e pensamentos do autor, a boneca se define como um alter ego do escritor, sua voz e que supostamente pode se apresentar construtivamente com teores e práticas discriminatórias raciais.

Buscando analisar a temática proposta, esta monografia é direcionada à investigação e análise a respeito do tema. De maneira a atingir de forma mais precisa possível o real conhecimento do problema a ser estudado, o trabalho examina detalhadamente as concepções referentes ao objeto de estudo, ou seja, a representação que o autor Monteiro Lobato (1985), (2003), (2009) designa aos negros nas suas obras.

O estudo visa abordar o conhecimento referente ao retrato do negro nas obras lobatianas e para isso se faz necessário direcionar a abordagem em base da utilização de material teórico.

O processo de pesquisa é composto por caráter exploratório, propondo investigação e análise do tema para maior familiaridade com o mesmo, compreendendo algumas etapas para construção, tais como: o levantamento de material teórico, a análise do perfil do autor tendo como principal objetivo investigar seu contexto social e moral; a investigação dos conteúdos de suas obras considerando se há caráter discriminatório ou não; a comparação entre as vertentes, efetuando um contraponto das perspectivas de via narrativa e contra narrativa a respeito das considerações do escritor, e por fim conclusão final sobre a temática.

Entre os procedimentos serão utilizados a revisão bibliográfica, análise de documentos, seja de sites, revistas, jornais, livros e relatórios. Enfatizando produções infantis como: Caçadas de Pedrinho (2003), além do foco em relação ao autor Monteiro Lobato e outros escritores que direcionam seus escritos para investigação sobre a conduta do mesmo.

O método de pesquisa de abordagem qualitativa se faz presente no trabalho, porque os resultados serão expostos através de percepções e análises, descrevendo a complexidade do problema e a interação entre os distintos pontos de vista, e resultando no produto final a partir da investigação. Serão utilizados estudos, valores e atitudes do autor Monteiro Lobato, enfatizando sua história de vida, tendo como base registros e biografias, em conjunto com os mecanismos de estudos de estruturas e processos como: análises de trajetórias e análises de processos.

## 2 CAPÍTULO 1 - RACISMO E LITERATURA NO BRASIL

### 2.1 O NEGRO NA SOCIEDADE BRASILEIRA

A entrevista intitulada “Não tem problema maior hoje no Brasil do que discutir o racismo” da filósofa e escritora Djamila Ribeiro (2018) retrata uns dos temas poucos discutidos e poderíamos até afirmar, negligenciado, no âmbito da sociedade brasileira que é justamente a questão da representação do negro no país. Autores como Nina Rodrigues (2010) no seu livro “Os africanos no Brasil” que parte da permissão de tentar contextualizar a presença dos africanos incluindo procedências, legado, cultura entre outros no território brasileiro desde o período da escravidão, propõe e questiona um estudo específico do povo negro e apesar de nomes como João Ribeiro e Sílvio Romero produzirem estudos a respeito do tema, opiniões errôneas se propagaram, pois os estudos se baseavam em perspectivas europeias e não nacionais, ou seja, não partindo das próprias esferas do espaço social brasileiro. Embora Nina Rodrigues (2010) critique e pontue a carência de estudos no que condiz a população negra, é notório o tratamento que o mesmo faz em relação ao negro quando ele cita Sílvio Romero no capítulo II do seu livro ‘Os africanos no Brasil’, em que trata das “Procedências africanas dos negros brasileiros”, expondo em seus transcritos certa concordância com o autor, tratando assim o negro como objeto e não sujeito e isso é exposto quando segundo Romero afirma-se que: “O negro não é só uma máquina *econômica*; ele é antes de tudo, mau grado sua ignorância, um objeto de *ciência*.” (ROMERO *apud* RODRIGUES, 2010.p.23)

Assim, embora ainda compromissados com conceitos de raça, concepções europeias e objetificação do negro, estudos foram desenvolvendo-se a respeito do negro e segundo Guerreiro Ramos (1982) no capítulo X ‘O problema do negro na sociedade brasileira’ do seu livro *Introdução crítica à sociologia brasileira* antes de se estudar o problema do negro no Brasil é preciso estudar os equívocos e alienação da literatura nacional e estrangeira que pensou o problema do negro no Brasil, criticando a universalidade e historicidade das teorias, e os trabalhos de Nina Rodrigues e Oliveira Viana que estariam inseridos em um contexto de implicações imperialistas e racistas da Antropologia. Segundo Ramos (1982) alguns nomes se destacam em relação ao direcionamento do negro com objeto de estudo, são eles: Sílvio Romero, Euclides da Cunha, Alberto Torres e Álvaro Bomilcar. É sabido que o inverso já se constitui aparente, ou seja, estudos específicos ao negro voltados a perspectiva do mesmo como protagonista e sujeito agente vêm sendo produzidos e entre os autores que realizam essas

concepções destacamos Arthur Ramos, Abdias Nascimento, Milton Santos, Djamila Ribeiro entre outros.

Enfatizando as considerações de Djamila Ribeiro (2018) sobre a representação do negro e contextualizando sua entrevista<sup>2</sup>; a autora aborda questões de raça, gênero e sexualidade no que tange às “pautas identitárias”. Ela revela o silêncio que permeia essas questões e pontua a posição de pessoas brancas no que condiz a se intitularem pertencentes a um grupo étnico-racial social, pois para eles seu grupo étnico racial apresenta-se com certa normatização de raça, ou seja, o branco conceitua-se socialmente como norma e padrão, cabendo a outros grupos étnico-raciais afirmarem suas identidades, à exemplo os indígenas e os negros. Para Ribeiro, é importante salientar como as pessoas brancas se enxergam e o quanto se universalizam, essa perspectiva envolve os brancos numa nuvem de normatividade, ou seja, num padrão de “norma” que acaba em causar aos que se diferem situar-se em modo “fora do normal”, “diferente” e é isso que podemos afirmar ser uns dos fatores de causa do problema racial do negro brasileiro, problema este criado por uma sociedade que padroniza e normatiza determinado grupo étnico-racial em detrimento, opressão e até mesmo exploração de outros, derivando em uma negação de um quadro de desigualdade étnico-racial no país.

Entende-se que para a autora é essencial a consciência de pessoas brancas a respeito de suas posições e privilégios a fim de começar a discutir e se possivelmente iniciar o resolver das problemáticas que abrangem o negro brasileiro, e entre essas problemáticas enfatiza-se os conceitos de representações desses indivíduos. Em uma sociedade racista que se criou um mito de democracia racial é essencial compreender o racismo como fator sistemático político que permanece nas entranhas sociais mascarando uma realidade cruenta, onde os não-brancos são marginalizados, têm seus direitos negligenciados e negados, situados em lugares pré-determinados por uma hegemonia e representados de modo pejorativo quando essa representação acontece, até porque na maioria das vezes o que se compreende é uma exclusão social.

Refletir o modo como o negro é representado nos âmbitos sociais brasileiros, em especial na literatura infantil brasileira enfatizando as obras do autor Monteiro Lobato é o que propõe este trabalho. É sabido como é dificultoso conviver em um ambiente social ou escolar em que as experiências de aceitação e construções “identitárias” não se baseiam na diversidade étnico-racial de respeito e igualdade. O preconceito e o racismo entre as pessoas ou a partir de

---

<sup>2</sup> Entrevista à Revista Eletrônica SUL21, portal Geledes. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/djamila-ribeiro-nao-tem-problema-maior-hoje-no-brasil-do-que-discutir-o-racismo/>>

instituições sociais, assim como a sua disseminação ocasionam prejuízos emocionais, psicossociais entre outros, no indivíduo que possivelmente destrói a autoestima, personalidade, e autoafirmação da identidade étnico-racial; portanto faz-se jus o quanto importante é a não disseminação e propagação de conceitos, práticas, frases ou ideais racistas e discriminatórios sejam nos setores sociais ou educacionais, através de quaisquer ferramentas, como por exemplo, os livros.

## 2.2 LITERATURA INFANTIL E A REPRESENTATIVIDADE DO NEGRO

Segundo Afrânio Coutinho, a literatura é definida da seguinte forma:

A literatura é, assim, a vida, parte da vida, não se admitindo possa haver conflito entre uma e outra. Através das obras literárias, tomamos contato com a vida, nas suas verdades eternas, comuns a todos os homens e lugares, porque são as verdades da mesma condição humana. (COUTINHO *apud* DIANA, 2017)

Logo, a literatura é uma manifestação artística humana, na qual é utilizada para transmitir ideias, pensamentos e conhecimentos. É a comunicação por meio das palavras, e abrange diferentes gêneros como poemas, poesias, romances, contos, crônicas e novelas, os transcritos podem retratar uma realidade ou ideia abstrata (imaginária ou inventada). Independente do estilo é uma via por onde atravessa conhecimentos e apresenta-se o mundo para os indivíduos, além de colaborar com o entendimento melhor de nós mesmos, o ambiente em que vivemos e nossas ações.

Dentre os diversos gêneros literários temos a literatura infantil, que surgiu no século XVII a partir da necessidade de produções direcionadas às crianças, no momento que as mesmas passaram a serem compreendidas como seres particulares e não como componentes integradores do mundo adulto. De acordo com Caldin (2003): “Tem-se como assertiva que a criança, ao realizar a leitura de textos literários, não passa apenas os olhos pela página impressa. Busca um sentido nas palavras, aventura-se no desvendamento do enigma do código escrito” (CALDIN, 2003, p.48).

Portanto, a literatura infantil apresenta-se às crianças como meio condutor de informações e conhecimentos sociais, com o qual irão aprender e desenvolver seu papel social e construir sua identidade e personalidade, ou seja, os livros têm a finalidade de referencial e entreter de forma prazerosa também, assim caracterizando-se como pilar importante na construção social do indivíduo. Para Maria José e Maria Rosa (2006): “... os valores sociais

passam a ser veiculados, de modo a criar para a mente da criança hábitos associativos que aproximam as situações imaginárias vividas na ficção a conceitos, comportamentos e crenças desejados na vida prática, com base na verossimilhança que os vincula.” (PALO; OLIVEIRA, 2006, p.07)

Essa perspectiva direciona atenção aos conteúdos das produções literárias, já que a criança utiliza como espelho ou referencial, as abordagens das obras no seu contexto social. A literatura infantil contribui de forma expressiva para a formação do seu leitor e influencia possivelmente suas práticas sociais, exaltando assim o poder da leitura na vida do indivíduo, poder este que deve ser cuidadosamente conduzido.

Em conformidade com as considerações de Beatriz Nascimento temos:

As manifestações preconceituosas são tão fortes que, por parte de nossa intelectualidade, dos nossos literatos, dos nossos poetas, da consciência nacional, vamos dizer, somos tratados como se vivêssemos ainda sob escravismo. A representação que se faz de nós em literatura, por exemplo, é a de criado doméstico, ou, em relação à mulher, a de concubina do período colonial. (NASCIMENTO *apud* RATTS, 2006, p.94)

A história brasileira por anos invisibilizou um dos grupos que auxiliaram a construção do país; os negros foram posicionados à margem da sociedade e negados como parte importante da nação e, apesar de serem majoritários em relação à população, são tratados como minoria. Em conjunto com concepções eurocêntricas, racistas e eugênicas fazem-se promover o apagamento da memória e do corpo físico dessa população. O negro é excluído da história e da sociedade brasileira, e esse contexto excludente torna cada vez mais forte a necessidade de sua presença e representação efetiva e de qualidade. E, de modo tal, que não seja apresentado de modo inferior como acontece na maioria das vezes.

Movimentos negros passaram a discutir a representação do negro (modo como ele é retratado na sociedade) e reivindicar a representatividade (representação com efetividade e qualidade ao segmento ou o grupo em aspecto positivo e leal), identificando o retrato que a sociedade faz, questionando conceitos abordados e reivindicando um espaço justo.

No âmbito infantil a questão da representação é ainda mais importante. A criança é um ser em formação, e tudo que lhe for exposto contribuirá para a formação de sua identidade e personalidade. Diante de todo contexto apontado, questões emergem: É necessário pensar em representação para o público infantil? Qual a representação do negro apresentada para as crianças? A sociedade estaria propagando correntes racistas implícitas aos pequenos pelo fato

de estereotipar negativamente ou invisibilizar indivíduos negros no contexto social de suas produções literárias?

Todos os questionamentos nos direcionam a uma análise e reflexão sobre a problemática da representação negra no mundo infantil. Sobre o contexto de representação Sttela Vasco dispõe:

Ter apenas um tipo de representação colabora com o enfraquecimento da autoestima, não possuir nenhuma personagem que se assemelhe a você faz com que pareça, na verdade, que o problema está justamente em como você é e que é preciso se aproximar do que é exibido para ser considerado belo. (VASCO, 2017.)

Isso implica na importância do retrato, e este não pode caracterizar-se único ou superior a qualquer outro, já que existe uma diversidade cultural e racial que deve ser levada em conta.

### 2.3 EFEITOS PSICOSSOCIAIS DO RACISMO

O racismo é um fenômeno que demarca o lugar do (a) negro(a) na sociedade e de como esse indivíduo deve ser tratado, assim sendo, todos os atos e práticas provenientes desse fenômeno implicará na construção dos sujeitos sendo eles negros ou não. A ideologia de superioridade de uma raça em detrimento e inferioridade de outras impacta em efeitos de auto afirmação nas identidades socioculturais e segurança psicossocial de alguns (os brancos) e baixa confiança, baixa autoestima, negação de suas identidades, rejeição dos traços físicos correspondentes aos seus fenótipos assim como de sua própria história e cultura (em não brancos).

O racismo no Brasil é designado pela marca (que diz respeito, ao preconceito racial exercido pela aparência, o fenótipo, dos traços físicos como formato do nariz, textura capilar, espessura dos lábios e em especial a cor da pele, quanto mais retinto o sujeito for mais exposto ao preconceito e as práticas de discriminação estará) e é partindo da depreciação da fisionomia, da inferiorização do ser, que o racismo se alastra em distintos campos sociais brasileiros e causa efeitos desastrosos na psique humana do indivíduo negro, dentre eles a inibição, timidez, tristeza, sentimentos de inferioridade, hiperatividade, a possibilidade de desenvolver ansiedade e depressão, e outros sofrimentos psíquicos. De acordo com o instituto AMMA<sup>3</sup> (2008):

---

<sup>3</sup> O Instituto AMMA Psique e Negritude- trata de uma organização não governamental cuja atuação é pautada pela convicção de que o enfrentamento do racismo, da discriminação e do preconceito se faz necessariamente por duas vias: politicamente e psiquicamente.

Todos sabem das peculiaridades do racismo à brasileira – um racismo sem racistas. A pessoa negra conhece a discriminação desde seus primeiros anos de vida, sem que nunca o outro lado se declare. Quando perguntamos para a maioria dos brasileiros: “Você é racista?” A resposta invariável é: “Não.”. (AMMA, 2008, p.10)

A sociedade brasileira nega a existência do racismo que se configura tão aparente no contexto estrutural do país assim como nas ações de seus indivíduos. O Brasil está envolto a um racismo velado que não dar as caras nitidamente, mas pesa suas mãos de modo cruel e exacerbado sobre as vítimas de seus atos. O racismo estar presente na exclusão e marginalização dos negros; nas ideologias de construção das suas subjetividades; na invisibilidade das representações e detrimento de suas culturas; na discriminação das religiosidades; na literatura que os depreciam, ridicularizam ou promovem o apagamento do seu grupo ou seus pares; assim como é presente nos campos e distintas vertentes que compõe a nação brasileira. O AMMA (2008) exemplifica o contexto estrutural racista do Brasil em suas contextualizações sobre as instituições públicas, para o instituto:

As instituições públicas também se declaram não-racistas, universalistas. No entanto, não é o que experimenta a criança negra, por exemplo, na escola. Para ela, a escola pode tornar-se num espaço de exclusão. O contexto, à sua volta, muitas vezes, reproduz experiências de rebaixamento concorrendo para o enfraquecimento da autoestima e para o desencorajamento. Alguns fatos relacionados a isso incluem a maneira pela qual a história do povo negro brasileiro foi, tradicionalmente, contada; a forma pela qual o negro é representado nos livros didáticos e na mídia (submisso ou coadjuvante); os apelidos postos pelos coleguinhas brancos: “macaco, piche, cabelo ruim”, entre outros. (AMMA, 2008, p.11)

Situações de cunho discriminatórios ou preconceituosas geram efeitos perversos para as crianças negras, uma vez que, nenhum indivíduo sente-se bem em ambientes que menosprezam seu próprio ser. Qual criança gostaria de identificar-se com o negro escravizado? Com a negra suja ou feia a que os personagens das histórias se dirigem? Os contextos que reproduzem tais ações contribuem para formação de sujeitos racistas desde crianças e para crianças que negam ou envergonhem-se de suas identidades.

“A longa exposição às situações de desvalorização causa efeitos múltiplos de dor, angústia, insegurança, autocensura, rigidez, alienação, negação da própria natureza e outros, deixando marcas profundas na psique”. (AMMA, 2008, p.11)

O Brasil herdou e perpetua práticas preconceituosas e discriminatórias a população negra, e essas ações impactam de forma incisiva no sujeito negro que se ver vulnerável e exposto a estes cruéis contextos. Segundo Fernandes (2018) os efeitos do racismo podem



impactar de modo relevante uma pessoa que passa constantemente por situações de discriminação e/ou de preconceito, para a autora:

Uma simples palavra ou gesto pode gerar um sentimento de inferioridade, que leva a criança a desvalorizar e negar suas tradições, sua identidade e costumes. É importante discutir o impacto psicológico do racismo na infância, pois a partir dessa discussão é possível identificar como os efeitos psicológicos podem se apresentar no indivíduo e promover a discussão de questões relacionadas às maneiras de contribuir para uma infância sem racismo, do reconhecimento destes como fatores sociais determinantes das condições de desenvolvimento do indivíduo, especialmente de saúde mental, a fim de que a reflexão sobre esse problema social favoreça a superação do racismo. (FERNANDES, 2018, p.1)

Desse modo, é possível refletir que um ambiente com racismo preponderante poderá promover no indivíduo negro a desvalorização do seu eu, afastamento e negação das culturas e de elementos que os ligam com seu grupo étnico racial. Estimulando a internalização de referências negativas em relação a população negra, e criando uma falsa perspectiva de superioridade da população branca assim como reforço de uma dominação propagada por eles. A política e estrutura que compõe a nação brasileira, ou os moldes que caracteriza ou marginaliza o negro na sociedade colabora para um modo consciente ou inconsciente de sua inferiorização, sendo essencial atenção para identificar e combater essas problemáticas. Por exemplo, um indivíduo negro consciente do ambiente social racista ao qual pertence no Brasil, ainda que asseguro dessas concepções sociais muitas vezes não é livre dos preconceitos em torno do seu grupo, como o imaginário social de perigo que um sujeito negro em uma rua pouco movimentada pode oferecer. Ou uma criança em sala de aula ao se deparar com representações pejorativas e negativas de seus pares sejam em histórias ouvidas, nos livros didáticos ou no discurso do seu educador certamente serão afetadas psicologicamente e afetivamente a respeito dessas situações vivenciadas. Nesse sentido, uma subjetividade construída em ambiente hostil ou discriminatório pode ocasionar efeitos expressivos nas singularidades, identidades, e comportamentos dos sujeitos.

Refletindo sobre o que conceitua o behaviorismo<sup>4</sup> a respeito do comportamento condicionado, o aprendizado do sujeito está relacionado aos estímulos que este recebe e a produção de respostas a estes. Por conseguinte, se imersos em um meio com estímulos racistas

---

<sup>4</sup> Behaviorismo, também conhecido como comportamentalismo, é uma área da psicologia, que tem o comportamento como objeto de estudo. É uma das três principais correntes da psicologia, tem origem no termo behavior, que em inglês significa comportamento ou conduta. Contempla o comportamento como uma forma funcional e reacional de organismos vivos, para esta corrente o estudo do meio que envolve um indivíduo possibilita a previsão e o controle do comportamento humano.

se terá uma produção de comportamentos equivalentes. Fernandes (2018) explica esse aspecto em sua narrativa, para a autora:

Os efeitos psicológicos que o racismo provoca, moldam a conduta e a maneira como esses indivíduos pensam, produzem e sentem. Em alguns casos de vítimas de racismo, autodestrói-se por não acreditar em si, com dificuldades de realizar determinadas atividades, tem falta de autoestima por ter internalizado o racismo ao longo da vida passando, pois muitas vezes o sujeito liga-se à ideologia da “brancura”, eliminando de seus pensamentos as características que fazem parte da sua identidade, podendo causar transtornos emocionais, de pensamento e de comportamento, por isso se faz tão importante a representatividade negra na mídia, pois contribui para o fortalecimento da identidade da criança negra. (FERNANDES, 2018, p.3)

A construção da subjetividade do indivíduo perpassa por inúmeros elementos, dentre eles a estruturação de seu pensamento e consciência, as percepções de afeto e sentimentos, suas ações comportamentais assim como as relações e interações sociais, que na fase da infância acontece em distintos ambientes como na família, na comunidade, na escola, etc. Em suma, todo aprendizado, conhecimento ou descobertas que o indivíduo tem contato ainda na sua fase de infância contribuirá para construção do seu “eu”, ou seja, sua subjetividade enquanto ser humano.

O olhar do outro se configura também como fator preponderante na formação do “Eu” e interfere na construção da autoestima do indivíduo que se define em algo para além do amar e valorizar a si próprio. Segundo as considerações do Instituto Amma Psique e Negritude na obra “Os efeitos psicossociais do racismo” a autoestima é um sentimento que o indivíduo nutre por si mesmo, e possui alguns aspectos relevantes para sua construção como a perspectiva do outro sobre si, seja este outro a família ou a sociedade, pois o sujeito se constitui no olhar do outro; o desejo de existir compreende também no olhar do outro, de ser gostado e acolhido. Para o AMMA (2008):

[...] espaço importante no desenvolvimento da autoestima é o sentimento de pertencimento a um grupo. Um grupo pode reafirmar ou não valores, dar ou não referência de adequação de um indivíduo, bem como dar uma referência de como as outras pessoas reagem diante da presença de alguém. Autoestima, então, é um valor individual e coletivo que tem a ver com o modo pelo qual alguém ou algum grupo se vê, sendo, portanto, um sentimento necessário à saúde física, mental e emocional que varia de acordo com a influência externa. O processo de construção da autoestima envolve amor, identidade, respeito, positividade, valorização e sentir-se sujeito. (AMMA,2008, p.39)

Refletindo sobre o poder dessa percepção do outro na autoestima uma questão torna-se emergente, que se trata do como construir autoestima perante o olhar crítico do outro, olhar que

inferioriza e até muitas vezes fere? Essa questão compreende-se como complexa porque o papel de pertencer a um determinado grupo e ser aceito e bem visto, é aspecto importante para autoestima e auto afirmação também. Portanto, estimular o olhar do outro a uma perspectiva crítica de inferiorização, ridicularização, desaprovação, distanciamento ou até mesmo repulsa não é vetor que auxilie uma formação humana saudável e positiva. Pois, conforme nos afirma Isildinha Nogueira “somos, porque somos no olhar do outro”. (AMMA, 2008, p.41)

Os efeitos psicossociais do racismo é um problema que envolve complexidade, sendo assim não apresenta uma solução reduzida ou sintetizada, pois suas causas são diversas. Alguns dos efeitos psicossociais do racismo consistem no desconforto, inferioridade, coisificação do sujeito, nível baixo de auto estima, sofrimento, sentimentos de tristeza, raiva, angústia; insegurança; insatisfação; ansiedade; tentativa de anulação dos seus traços de pertencimento racial e até no não reconhecimento do outro, e quando o outro não nos percebe como ser semelhante a si, ou simplesmente não nos concede a percepção de humanos são provocados sentimentos e impactos relevantes na construção psicossocial do sujeito como por exemplo a negação da identidade. Já as pessoas que não fazem parte desse grupo de invisibilizados podem apresentar construção de formação pessoal baseada em hierarquização e classificação com ênfase de superioridades como sujeitos, sentimentos de egoísmo, antipatia com o outro, assim como compreensão de padronizações e naturalização de seu grupo em diversos contextos.

Na obra “Pele negra mascaras brancas” do autor Frantz Fanon o esboço a respeito da coisificação do negro e do sofrimento psíquico que é acometido a um indivíduo negro pelas inúmeras situações racistas vivenciadas é exemplificado quando o autor relata os sentimentos e sensações ao ouvir de outra criança a frase: “- Olha o preto mamãe!” Para Fanon, ouvir frases como esta deslegitimava sua condição humana, de certo modo ele era visto como uma aberração, como uma “coisa” e isto feria profundamente a dignidade do seu ser, o que nos direciona a negação da própria identidade que configura-se como um dos efeitos psicossociais do racismo, assim como a baixa autoestima, e até mesmo a auto discriminação caso seja internalizado a desumanização do seu ser. Dialogando com a entrevista de Isildinha Nogueira (2008) as marcas dos efeitos do racismo na infância são difíceis de serem removidas, para ela:

[...] é quase impossível. O que se imprime na primeira infância é para sempre. De 0 a 6 anos vivemos muito próximos da família. Alguém pode perguntar: “mas como é que o racismo chega se nós vivemos muito próximos da família?” A resposta é que o racismo é internalizado. Nossos pais, certamente, sofreram o olhar da discriminação. A própria família vivencia essa dor, essa ferida. As relações originais – as primeiras da vida que incluem pai e mãe – são importantíssimas. A maneira como nossos pais nos vêem, é como nós vamos nos ver para o resto das nossas vidas. Feridas da infância

não saram nunca. O que a gente pode aprender, ao longo da vida, é como lidar com elas. NOGUEIRA (2008, p.41)

Ainda de acordo com Isildinha, uma vez que só somos sujeitos no olhar do outro, e se o outro não nos vê, logo não somos. A autora nos revela que:

Uma das consequências disso, algo muito triste, é quando você percebe que a grande população dos hospitais psiquiátricos do país é negra. Por quê? Eu tenho a impressão que tem a ver com a história de não ter um lugar, de não ser. À medida que a pessoa se sente uma coisa e não se sente como pessoa. Não ser visto é enlouquecedor. NOGUEIRA (2008, p.41)

No capítulo “A experiência vivida do negro” referente ao livro *Pele negra mascaradas brancas* do escritor Frantz Fanon (2008), ele declara o quão sofrido para si nascer negro em uma sociedade que reforça o complexo de inferioridade e dependência para com o sujeito negro, dispendo como única saída de rompimento desse ciclo a aproximação do negro com a branquitude, ou seja, sendo essencial o negro se tornar o mais branco possível, causando uma esquizofrenia de identidade. É nítido essa compreensão no trecho apresentado: ‘O negro quer ser branco, o branco incita-se assumir a condição de ser humano’ (FANON, 2008, p. 27). Isso quer dizer que dentro da sociedade o negro sofre um processo de alienação da sua própria existência, sua personalidade é escondida atrás das cortinas do racismo e do colonialismo, que acaba por construir sujeitos subordinados.

Em síntese, são inúmeros os efeitos psicossociais que o racismo pode gerar em um indivíduo, sendo ainda mais agravante quando acometidos às crianças. Nesse sentido, é essencial romper com esse ciclo de violências psíquicas para assegurar uma construção antirracistas para com as crianças não negras e uma construção identitária digna e saudável para com as crianças negras, sendo o papel da família elemento primordial, buscando promover uma imagem positiva de si e de seus pares nos âmbitos dos contextos sociais. Souza, Lopes e Santos (2007 p. 5) constataram que:

A autoimagem da criança negra é construída nas interações que estabelece com os membros da família, com o grupo escolar, os vizinhos e outros grupos sociais. Essas interações são mediadas por padrões, por crença, práticas e normas de toda sociedade que determinará a forma como a criança elabora e organiza suas referências no mundo e isso, se repercutirá na formação de sua identidade. É nas interações que a criança internaliza os estereótipos negativos ligados ao negro, construídos no imaginário social, sendo disseminado pelos veículos de comunicações e reproduzidos pela escola. A forma como a criança negra é tratada, as atribuições negativas que geralmente são impostas em sua mente, fazem com que a criança crie uma imagem depreciativa de si, contribuindo para uma autoexclusão e uma baixa autoestima. Comprometendo desta forma, o processo de construção de sua identidade, com ideias que desvalorizam

suas características étnicas. (SOUZA; LOPES; SANTOS *apud* FERNANDES, 2018, p.6)

Isildinha menciona esses fatores em seu discurso quando diz que:

A autoestima é o que nos dá confiança de que somos queridos, amados, capazes. Agora se somos vistos como uma “coisa” suja, ruim, nojenta, como é que nós vamos ser capazes de fazer alguma coisa de bom? Impossível! É impossível ter autoestima num regime racista. (NOGUEIRA,2008, p.4)

Logo, é essencial desconstruir e combater ideologias de categorias humanas que hierarquizam e segregam os indivíduos em suas relações e interações sociais, lhes atribuindo posições já pré-determinadas nos espaços sociais ou tratamentos distintos justificados pela marca de cor da pele ou grupo étnico racial a que se pertença, desarticulando perspectivas de desqualificação e desumanização dos sujeitos negros ou provocando consequências nocivas as suas psiques que gerem prejuízos na formação identitária sociocultural do seu ser. É preciso disponibilizar aos não brancos a oportunidade e o direito de tomarem consciência de suas próprias existências, se reconhecendo e tendo reconhecimento, e isso pode acontecer por meio de sua auto afirmação e encontro com sua negritude o que implicaria em uma atenuação dos efeitos psicossociais do racismo como a solidão afetiva, a alienação (em relação ao reconhecimento de si próprio), a negação do ser, a destruição da autoestima, a internalização da inferiorização (quando o indivíduo passa a acreditar que é inferior), a depressão, sofrimentos, estilhaçamento da identidade, a internalização da incapacidade de aprender (inferiorização do aprendizado), revoltas e violências.

## **3 CAPÍTULO 2 - ESTUDO DO DISCURSO DE MONTEIRO LOBATO: PRESENÇA DE IDEOLOGIAS RACISTAS OU NÃO EM SUAS OBRAS**

### **3.1 PERFIL HISTORIOGRÁFICO DO AUTOR**

A trajetória de vida de Monteiro Lobato o posicionou a certa distância das demandas populares. Formado em direito, fazia parte dos grupos de intelectuais da burguesia paulista dos quais conheceu na faculdade e ainda mantinha contado após finda-la, herdeiro de fazendeiro (com a morte de seu avô, herdando a fazenda Buquira, localizada na zona rural de Taubaté), entre experiências profissionais em várias áreas, manteve seu apreço pela escrita, escreveu vários livros e artigos jornalísticos para as gazetas de várias cidades e alguns estados do país (como Rio de Janeiro e São Paulo). Experimentou a vida agrária quando lhe coube administrar a fazenda, todavia não teve muito sucesso e segundo Santos (2022, p.787) na dialética Lobatiana o fracasso de um agrário era consequente dos caboclos (trabalhadores das fazendas) que o inspirou na criação do personagem “Jeca Tatu<sup>5</sup>”. Lobato também se aliou a grupos de empresários quando descontente das condições do país em 1931, fundou o Sindicato Nacional de Indústria e Comércio, que tinha como foco a exploração do ferro e a Companhia Petróleos do Brasil. Quando se tratava de escrever sobre temas ligados a população rural, o autor compartilhava dos pensamentos dos higienistas. Logo, seu percurso evidencia quais interesses e lutas o autor defendia na sociedade brasileira, que evidentemente eram contrárias as lutas populares.

O estilo de escrita adotado por Monteiro Lobato em suas produções textuais, contemplava uma literatura fundamentada em via de contra mão da promoção à política de igualdade racial, sustentando vertentes de preconceitos e discriminações como muito bem aborda Silva (2021) no que confere ao método discursivo do escritor em uma obra analisada, para Silva:

Foi possível identificar, nos acontecimentos aqui analisados, sentidos que reforçam o preconceito e o racismo em relação à mulher negra, a seu povo e aos seus saberes. Não negamos a configuração de acontecimentos, na referida obra, que definem a mulher negra e seu povo como gente, mas ainda assim é uma gente predicada pela barbárie, pela ignorância, pela desculturação, pela idiotice, uma gente que necessita ser civilizada nos moldes da cultura branca, europeia, cristã, uma gente pobre coitada, tão desprovida de civilização e conhecimento que dela nada se pode exigir. (SILVA, 2021, p.15)

---

<sup>5</sup> Personagem de um homem preguiçoso, ignorante, indolente e era o principal responsável pelo infortúnio do fazendeiro. (SANTOS, 2022, p.787)

O modo de escrita de Lobato, ainda nos revela um perfil de sujeito elitista e classicista que propaga em seu discurso uma perspectiva preconceituosa sobre as classes populares e em especial, os indivíduos pertencentes ao grupo negro do contexto social brasileiro. Em conformidade com Silva (2021) o estilo do escritor utiliza da síntese morfológica para definir o povo negro como coisa e não sujeito, assim Silva explica ao enfatizar que:

[...] discutindo o funcionamento da palavra **que**, a qual identificamos morfológicamente na enunciação do locutor como um pronome interrogativo. Ao tomarmos a língua como objeto histórico afetado pela exterioridade, observamos, nas práticas discursivas dos falantes dessa língua, aqui compreendidos não como pessoas físicas e sim como figuras políticas constituídas pelo espaço da enunciação, o uso da referida palavra, para coisas, lugares, objetos. Quando a pergunta refere-se a pessoas, geralmente é utilizado o pronome quem (Quem é esse povo?/ Quem é Tia Nastácia?). Desse modo, no enunciado Que é o povo?, seguido de outros enunciados que trazem a sua definição, estão postos sentidos que predicam esse povo como coisa. (SILVA, 2021, p.13)

Se desconstrói supostas hipóteses de que Monteiro Lobato tivesse efetuando apenas uso de expressões linguísticas da época, aplicados por exemplo, aos indivíduos da sociedade, pois, é visto que existem diferenças de tratamento para com os grupos sociais, e as falas de seus personagens deixam explícito esta afirmação. Usaremos as análises de Silva (2021) para evidenciar a afirmativa.

[...] vemos que as relações de sentido que constituem o dizer do locutor apresentam o substantivo **beijo** determinando **Tia Nastácia** e **boi**, e o funcionamento da língua, nessa relação, coloca essa mulher negra e o animal no mesmo plano de significação, criando o sentido de que ela é sinônimo de bicho. O substantivo **beijo** aparece nesse dizer de forma oposta ao substantivo **lábios**; estes determinam **Pedrinho** e **gente**, produzindo o sentido de que a palavra beijo não pode ser usada para predicar pessoas. Desse modo, a enunciação de que Nastácia tem beijos, e não lábios, projeta sentidos que a qualificam como animal. (SILVA, 2021, p.11-12)

Portanto, o desenho que se traça do perfil do escritor paulista é o que o relaciona aos pensamentos e conceitos coniventes as práticas que disseminam e reforçam as desigualdades sociais, marginalizam e subjagam os grupos não-brancos da sociedade brasileira e vão de encontro com concepções racistas.

### 3.2 LOBATO E OS MOVIMENTOS DA EUGENIA NO BRASIL

Para compreender a relação entre Monteiro Lobato e a eugenia, torna-se essencial esmiuçar os aspectos que conduziram o entrelace entre a ideologia e o escritor. Sendo plausível

buscar conhecer os vieses que o posicionaram em um diálogo e simpatia íntima as concepções eugenistas. Conforme afirmam Ferretti Junior; Westphal; Meira (2021):

O Brasil passava por uma transformação institucional, e os sentidos de identidade provenientes do contexto imperial eram cada vez mais questionados, por vezes rechaçados como símbolos do atraso. Na República, uma nova identidade deveria ser erigida, e os homens de letras entendiam-se como responsáveis por esse processo. Exemplo concreto dessas mudanças é a defesa de um nacionalismo racional por Lobato, em oposição à postura romântica de José de Alencar. Como afirmou em carta ao amigo Godofredo Rangel o patriotismo apaixonado esconde as verdades sobre a nação (LOBATO, 1961). Retratando uma mudança de referenciais, o autor defendia que o Brasil precisava tomar, em vez da Europa, os Estados Unidos como modelo central para o seu desenvolvimento. O empreendimento de homens como Henry Ford (1863–1947) era o projeto ideal de uma cultura da eficiência (LOBATO, 1966 *apud* FERRETTI JUNIOR; WESTPHAL; MEIRA, 2021, p.71)

Realizando uma análise interpretativa da citação acima, podemos identificar um anseio de mudanças para a nação brasileira naquele período com objetivo de progresso ao país, encontrando pelo menos duas distintas linhas de pensamento como o próprio Monteiro Lobato descreveu, uma no sentido de nacionalismo racional e outra em linha de patriotismo romântico. Nesse sentido, ao Brasil daquela época tínhamos vozes destoantes que vislumbrava caminhos possíveis a seguir, não apenas uma via única que condicionassem a todos os brasileiros percorrerem, o contexto nacional apresentava-se polifônico, o que nos garante hipoteticamente que cada sujeito seguiria ou deveria seguir linhas discursivas de encontro a seus princípios e valores, concepções que expressassem algum sentido as suas realidades e perspectivas. Outro fato importante, diz respeito a tal responsabilidade no processo de reconstrução do país que caberiam aos homens de letras se posicionarem, Monteiro Lobato discorre sobre José de Alencar<sup>6</sup> manter postura contrária ao seu ideal de nação, o que nos evidencia que nem todos os homens de letras pensavam ou compartilhavam das mesmas ideias, concepções ou valores, independente da época, correntes vigentes ou contexto social em que o Brasil se encontrava. Isso quer dizer, que o ambiente e seus fatores podem não incidir fortemente nas convicções

---

<sup>6</sup> José Martiniano de Alencar Júnior nasceu no Ceará, no dia 1 de maio de 1829, falecendo no Rio de Janeiro, no dia 12 de dezembro de 1877. Era filho de José Martiniano de Alencar, senador do império, e de Ana Josefina. Foi um romancista, dramaturgo, jornalista, advogado e político brasileiro. Um dos maiores representantes da corrente literária indianista e o principal romancista brasileiro da fase romântica. Suas obras foram marcadas, em sua maioria, por temáticas voltadas para o nacionalismo, a história e a cultura popular brasileira, tendo como característica geral a tentativa de construção de uma cultura genuinamente brasileira, desvinculada, portanto, das características estéticas que vigoravam em Portugal. Outra importante característica refere-se à linguagem, uma vez que Alencar foi um grande inovador da língua portuguesa e valorizou uma linguagem mais nacional, escolhido por Machado de Assis para patrono da Cadeira n.º 23 da Academia Brasileira de Letras. Entre seus romances destacam-se "Iracema" e "Senhora". Fazia parte da composição do partido conservador da época, defendendo um governo forte e propunha uma abolição gradativa da escravatura, mas com o passar do tempo rompeu com o partido.



políticas de quaisquer indivíduos, desse modo, para que o sujeito acredite que uma ideologia política seja capaz de solucionar ou transformar estruturalmente sua sociedade, será preciso no mínimo um flerte ou simpatia com tais princípios.

Nos é aparente que Monteiro Lobato flertava ou simpatizava com as convicções eugenistas, uma vez que, trocava cartas com Arthur Neiva<sup>7</sup> e era amigo íntimo de Renato Kehl<sup>8</sup>. Mas, do que se tratava essa concepção ideológica eugenista que tanto conquistou ou incidiu sobre o pensamento crítico do autor hoje consagrado como pai da literatura infantil brasileira? Ainda segundo as considerações de Ferretti Junior; Westphal; Meira (2021):

A eugenia, fundada pelo naturalista inglês Francis Galton, é uma autointitulada ciência preocupada em promover a reprodução de indivíduos considerados, de acordo com características - afixadas por alguns cientistas - superiores, e em desincentivar a propagação daqueles vistos como inferiores. Galton definiu-a como “a ciência do melhoramento da linhagem”. Ao longo da segunda metade do século XIX e da primeira parte do século XX, diferentes atores apropriaram-se dessa teoria, lançando sobre ela interpretações particulares. Em seus resultados mais trágicos, associada a outros movimentos de apelo similar, esteve envolvida não só com a esterilização compulsória de centenas de milhares de seres humanos, mas também com a perseguição e execução de outros milhões, como ocorreu no regime nazista. (FERRETTI JUNIOR; WESTPHAL; MEIRA, 2021, p.72)

Já Silveira (2002) discorre sinteticamente sobre os principais aspectos que compreendem as concepções eugenistas, e o surgimento de suas relações no Brasil, ele explica que:

[...] uma vasta lista de traços/estigmas que, para usar uma expressão bem ao sabor da “Nuova Scuola” de Cesare Lombroso, sugerissem propensão nata ao crime e a doença, eram os alvos da Eugenia. Como medida para impedir a multiplicação de “degenerados” Francis Galton e seus seguidores propunham, entre outras medidas, a esterilização em massa. [...] As primeiras manifestações mais concretas da posição da intelectualidade nacional no que tange a Eugenia foram dadas, a primeira no ano de 1914, quando Alexandre Tepedino defendeu tese na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro versando sobre a eugenia. A Segunda, no ano de 1917, com a fundação da Liga de Saneamento Nacional, sociedade higienista/eugenista em que figuravam os nomes de expoentes como Monteiro Lobato, Renato Kehl, que viria a se tornar o maior

<sup>7</sup> O médico e escritor Artur Neiva é reconhecido como um dos principais baluartes do movimento higienista brasileiro, cujo ápice se deu nas primeiras décadas do Século XX. Seu nome figura em recentes pesquisas sobre o pensamento médico-social brasileiro, em geral lembrado por sua atuação junto a nomes como o de Monteiro Lobato, Renato Kehl e Belizário Pena, ao lado de quem integrou uma expedição científica ao norte e nordeste do Brasil, visando retratar o estado de coisas da terra e do povo destas regiões, que deveriam ser alvo, segundo eles, de uma urgente intervenção do Estado Brasileiro. (SILVEIRA, 2002, p.1-2)

<sup>8</sup> Renato Kehl foi um dos membros do movimento eugênico no Brasil que mais se aproximou da eugenia negativa. Segundo Alessandra Rosa (2005), Kehl deixava claro que a hereditariedade era responsável pela constituição dos indivíduos, negando a possibilidade de recuperação pela adoção dos preceitos defendidos pelos sanitaristas. As suas ideias pautaram-se pelo controle dos casamentos dos “indivíduos aptos”, o convencimento dos chamados indivíduos disgênicos de não terem filhos e de um projeto de imigração que atendessem os preceitos e parâmetros ideias de sociedade proposto pelo movimento eugênico - propiciando assim o crescimento do país. (FERRETTI JUNIOR; WESTPHAL; MEIRA, 2021, p.74)

divulgador da Eugenia no Brasil, Artur Neiva, Afrânio Peixoto, Belizário Pena, entre outros. (SILVEIRA, 2002, p.04)

Por conseguinte, o registro que fazemos é que a eugenia se apresenta por uma ideologia com ótica de hierarquia entre os indivíduos, sendo um grupo com determinadas características completamente superiores aos outros, e estes outros tem sua perpetuação negada e de certa forma sua existência condenada em prol de um ideal que desumaniza os pares diversos de suas convicções, como nos aparece claro na medida de intervenção de esterilização em massa ao que propugnava o criador da eugenia Francis Galton. E para simpatizar, defender ou dialogar com tal movimento, é necessário ao sujeito estar de acordo a estes princípios e conceitos a que pregava a eugenia. O movimento pintava uma representação simbólica de que os grupos inferiores (pobres, negros, e não-brancos em geral) apresentavam perigo ao progresso nacional, por possuir ligações com crimes, delinquências e até certas doenças, e toda produção intelectual a respeito do tema era circulada nos meios de comunicação das ligas e sociedades do movimento, sendo de interesse de certa parte da elite brasileira, onde Lobato se incluía como expressa Ferretti Junior; Westphal; Meira, (2021):

Veículos de imprensa davam espaço para os discursos dos proeminentes cientistas. Jornais e folhetos próprios, como os *Annaes de Eugénia*, de propriedade da Sociedade Eugênica, e o *Boletim de Eugenia*, lançado por Kehl em 1929, também abriam caminhos para a propaganda desses pensamentos. O impulsionamento do progresso nacional era de interesse do público leitor, formado pelos “elementos cultos” brasileiros, como escreveu Kehl na edição inaugural do boletim. Vale notar, contudo, que não havia homogeneidade nas discussões entre os divulgadores do pensamento eugenista. No fim da década de 1920, as divergências tornaram-se mais claras. (FERRETTI JUNIOR; WESTPHAL; MEIRA, 2021, p.75).

Logo, se torna evidente a estratégia dos eugenistas em se utilizar dos meios de comunicação para propagar e reforçar suas ideologias e pensamentos, com a finalidade de informar a sociedade o caminho que levaria segundo suas concepções o país ao progresso. E esse caminho não tinha um projeto único, já que distintos movimentos conceituavam sobre a construção do Brasil, e apesar de pensamentos diversos, todos possuíam um ponto em comum no que se tratava da saúde pública brasileira, conforme podemos constatar na citação posterior de Ferretti Junior; Westphal; Meira, (2021):

O debate entre diferentes perspectivas e meios de ação do movimento eugenista brasileiro não é, como se percebe, sinal de fraca participação de seus partidários nas discussões nacionais. As divergências indicam uma complexa articulação de diversos projetos construídos por esses intelectuais. Se, por um lado, não se pode encontrar homogeneidade, por outro é possível vislumbrar o entrelaçamento dos diferentes movimentos interessados na saúde pública. Sanitaristas, higienistas e eugenistas

configuravam, nesse sentido, um conjunto de intelectuais com o objetivo de construir o Brasil. Nesse grupo estava Monteiro Lobato. (FERRETTI JUNIOR; WESTPHAL; MEIRA, 2021, p.77).

É possível notar que a formação do pensamento crítico de Monteiro Lobato, revela entrelace com as ideias de educação eugênica, pensamentos dos sanitaristas e higienistas da época. O escritor expressava por meio da sua subjetividade em seus escritos pessoais como nas cartas que trocava, suas reais opiniões a respeito do tema. Ferretti Junior; Westphal; Meira (2021) apresenta um fragmento de diálogo entre Lobato e um amigo:

Em 1905, em carta enviada ao amigo Tito Lívio Ferreira, o autor demonstrava crer naquilo que fora descrito por Galton (1892): os aspectos morais eram tão hereditários quanto os traços físicos. O filho do negro possui a pele negra e, assim, dará continuidade aos comportamentos típicos de sua raça. Para o escritor paulista, “um só sangue mais elevado, um sangue de raça mais superior, poderá transfundir nos entes novos o germe da progressividade” (LOBATO, 1964a, p. 76). Tal noção de aquisição da progressividade por meio do sangue, revela a crença no branqueamento: “Só a emigração e a consequente fusão de sangue superior trará uma aptidão congênita para o progresso”

Ao amigo Godofredo Rangel, em 1907, revelaria a cena proporcionada pela Semana Santa em Taubaté: “Por toda parte, povo – o nosso povo, essa coisa feia, catinguenta e suada. Sovacos ambulantes” (LOBATO, 1961a, p. 157). Dois anos mais tarde, também ao amigo escreveria: “Eu gosto muito dos negros, Rangel. Parecem-me tragédias biológicas. Ser pigmentado, como é tremendo!” (LOBATO, 1961a, p. 244). É ainda ao mesmo destinatário que Lobato manifesta uma ideia seminal: “Vou ver se consigo escrever um conto, o Porrigo decalvans, em que considerarei o caboclo um piolho da terra, uma praga da terra” (LOBATO, 1961a, p. 327, grifo do autor). Lobato cumpriu sua palavra e em 1914 lançou *Velha praga e Urupês*, nas páginas do jornal *O Estado de S. Paulo*. (LOBATO, 1964 *apud* FERRETTI JUNIOR; WESTPHAL; MEIRA, 2021, p.78).

A representação da figura do negro no pensamento lobatiano era composta de aspectos negativos, sempre ligados as práticas de inferiorização e subjugação dos corpos e do ser dos indivíduos não-brancos que faziam parte da sociedade brasileira, isso aparece nitidamente em suas produções literárias como nos evidencia Ferretti Junior; Westphal; Meira (2021):

Em 1918, Lobato reuniria sua percepção do caboclo no livro “*Urupês*”. Outros escritos, incluídos também nessa coleção, podem ser aqui trazidos à luz. Em “*Bocatorta*”, de 1915, um negro deformado fisicamente é revelado como culpado de necrofilia. O desvio moral ligado a aspectos orgânicos pode ser visto ainda no conto “*Mata-Pau*”, do mesmo ano, no qual um jovem acaba se relacionando intimamente com sua mãe adotiva, por “*má índole congênica*” (LOBATO, 2014b, p. 120). “*A Policitemia de Dona Lindoca*”, “*Barba Azul*” e “*O Fisco*”, reunidos em “*Negrinha*” (LOBATO, 2014a), são outros exemplos de textos em que a presença de termos médico-biológicos é preponderante. (FERRETTI JUNIOR; WESTPHAL; MEIRA, 2021, p.79).

Em hipótese, podemos apontar que a relação de Monteiro Lobato com o movimento da eugenia no Brasil, se deu não somente pela consonância dos princípios e conceitos do movimento com seus ideais e perspectivas em relação a construção de um novo Brasil, mas pela influência de seus dois grandes amigos, Renato Kehl e Artur Neiva, percursores e influentes do movimento no país. Ferretti Junior; Westphal; Meira (2021) expõe essa forte intimidade e até influência dessas amizades nas construções das obras do escritor, além da associação do nome de Lobato nesta corrente que tinha como objetivo propor políticas de branqueamento do Brasil.

O título do compêndio “Urupês” foi sugestão de Artur Neiva, sanitarista amigo de Lobato. Essa amizade com o cientista, que era discípulo de Oswaldo Cruz, somada à leitura dos relatórios sobre as condições de vida da população brasileira, fez com que Lobato revisasse sua leitura do caboclo e lhe dedicasse uma visão esperançosa, calcada na possibilidade de tirá-lo da miséria por meio da recuperação de sua saúde. É lembrando uma visita que fez a Iguape, na companhia de Neiva, que o escritor tenta, em um dos artigos da coletânea Problema vital (1918), desvencilhar o problema brasileiro da configuração demográfica: “Não é a raça – a raça dos bandeirantes é a mesma de Jeca Tatú. É um longo e ininterrupto estado de doença transmitido de pais a filhos e agravado dia a dia” (LOBATO, 1956a, p. 306).

Ao mesmo tempo em que se juntava às fileiras sanitaristas, Lobato iniciava seu contato com Renato Kehl, tratando-o como “espírito brilhante” e “untado para nobres ideais” (LOBATO, 1918). Lobato comentava sobre a leitura que fez de uma palestra ministrada pelo farmacêutico no ano anterior. Nessa oportunidade, Kehl defendeu que é preciso ir além do sanitarismo, já que é a raça que precisa ser tratada. O médico sugeriu a “seleção conjugal, efetuada com critério, regra e inteligência”, e separou a saúde em duas áreas: higiene e eugenia. A primeira serviria para “afastar as causas dos males”, e a segunda, para selecionar os indivíduos, de modo a formar uma unidade racial. Em correspondência posterior, Lobato admitiu ao cientista: “Tu és o pai da Eugenia no Brasil [...]. Precisamos lançar, vulgarizar essas ideias. A humanidade precisa de uma coisa só: poda. É como a vinha” (LOBATO, [1926 ou 1927]).

Na primeira carta que enviou ao farmacêutico, o escritor deu seu consentimento ao pedido da Sociedade Eugênica para a edição e publicação do livro Problema vital. Pode-se supor que Kehl pretendia, ao publicar os textos de Lobato, além de associar publicamente a sociedade ao nome do escritor, estimular a campanha da saúde pelo viés da higiene, sustentando sua relação também com os sanitaristas, que gozavam de respeito no país. Não à toa, a primeira edição de Problema vital deu-se em parceria com a Liga Pró-Saneamento do Brasil. (FERRETTI JUNIOR; WESTPHAL; MEIRA, 2021, p.79).

A citação acima demonstra o desenho da relação de amizade entre Monteiro Lobato para com Artur Neiva e Renato Kehl, é no mínimo aparente o consenso de ideias semelhantes. Lobato concorda com o pensamento de Neiva sobre aspectos que compreende a degeneração do indivíduo ter origem na hereditariedade de doenças transmitidas de pais para filhos, concordando com uma proposta de recuperação da saúde, o que se relaciona com as vertentes dos sanitaristas para com os grupos estigmatizados como degenerados. Condizente com Renato Kehl, as crenças de consenso apresentam um caráter de diálogo com a vertente eugenista, esta

mais radical que as sanitaristas, uma vez que, Kehl afirmar ser necessário ir para além das concepções sanitárias como evidencia a citação anterior. Objetivando a criação de uma unidade racial única, livre de fatores considerados degradantes ao projeto de nação ideal, sendo essenciais medidas que não visam a recuperação somente da saúde do indivíduo, mas que interfiram, por exemplo, na escolha dos casamentos entre os pares. Silveira (2002) nos confirma a relação íntima entre Lobato e Kehl, assim como a consonância dos seus pensamentos:

No Brasil a Eugenia e a Higiene formaram, como logrou demonstrar o trabalho de Tânia Regina de Luca, um binômio indissolúvel. A atuação destes ‘missionários’, higienistas e eugenistas, se dava atacando o problema do homem brasileiro em sua hereditariedade, vista como problemática devido ao estigma da mestiçagem; e seu meio, considerado por eles hostil e impermeável à civilização. Relação de ideias que pode ser pensada desde os laços de amizade de dois intelectuais representativos desta época: Renato Kehl, o médico eugenista e Monteiro Lobato, o literato partidário da higienização, criador do inesquecível Jeca Tatu. Suas relações de amizade e fundamentalmente suas relações de troca intelectual e de partilha de crenças são marcantes, quase como metáfora de uma época e de uma efervescência de ideais. Percebidos juntos, tornam visível uma teia de relações intelectuais e de crenças que em muito extrapola o âmbito deste breve ensaio, mas que se mostra como uma porta de entrada possível e provocativa para compreender-se a configuração das ideias que moviam estes homens de ação e de ciência. (SILVEIRA, 2002, p.05)

Em suma, os estudos e análises dos argumentos e fatos expostos nos direciona a uma suposição afirmativa da relação entre a escrita de Monteiro Lobato e o movimento de eugenia no Brasil, desvelando os aspectos oriundos de subjugação, inferiorização e um elo pessimista para com a população não branca brasileira, em especial, os negros. Ao escrever um romance intitulado ‘O presidente Negro’ ou o ‘Choque das Raças’ ao qual o país dos Estados Unidos elege um homem negro para presidência, o autor declara que essa escolha dos estadunidenses se configuraria um crime a nação, revelando seu desprezo para com o indivíduo negro e distanciando da argumentação de que o autor apenas problematize as questões sociais brasileiras no que compreende a essas populações, como defende-se a narrativa que busca desvincular a obra “Urupês” da questão racial e a relaciona a uma crítica ao contexto social brasileiro vigente, como declara Ferretti Junior; Westphal; Meira (2021, p.80).

Essa oposição à conclusão pessimista de Le Bon e dos degeneracionistas não foi permanente em Lobato. Como demonstra a historiadora Stepan, os imbricamentos entre eugenistas e sanitaristas são bastante complexos e estimularam certa volatilidade entre os intelectuais. Conforme sustenta Campos, apesar de ter deslocado o problema do caboclo da esfera racial, a dualidade é insistente na escrita do autor, que ora motiva uma crítica à situação social da população, ora estimula um olhar ligado às teorias racistas hegemônicas. (FERRETTI JUNIOR; WESTPHAL; MEIRA, 2021, p.80).

Ainda a respeito das impressões e explicações para com seu fracasso na publicação do seu livro ‘O presidente Negro’ ou o ‘Choque das Raças’ nos Estados Unidos, de acordo com Ferretti Junior; Westphal; Meira (2021) apresenta-se o seguinte:

Como se observa em sua correspondência, o escritor tinha a intenção de publicar a obra e fundar uma editora nas terras mais ao norte (LOBATO, 1961b, p. 293). Em carta a Godofredo Rangel datada de 1927, o autor confessou, no entanto, que o sonho havia fracassado, por resistência das casas publicadoras: “Meu romance não encontra editor. Falhou a Tupy Company. Acham-no ofensivo á dignidade americana, visto admitir que depois de tantos séculos de progresso moral possa este povo, coletivamente, cometer a sangue frio o belo crime que sugeri. Errei vindo cá tão verde. Devia ter vindo no tempo em que eles linchavam os negros” (LOBATO, 1961, p. 304 *apud* FERRETTI JUNIOR; WESTPHAL; MEIRA, 2021, p.81).

Os autores também apresentam alguns outros trechos que reforçam o pensamento preconceituoso e emergido nas bases eugênicas do escritor para com os indivíduos negros:

Relembrando Nietzsche, Miss Jane revela pensar para além do bem e do mal: “Não há mal nem bem no jogo das forças cósmicas” (LOBATO, 1956c, p. 207). Conclui: “O ódio desabrocha tantas maravilhas quanto o amor. O amor matou no Brasil a possibilidade de uma suprema expressão biológica. O ódio criou na América a glória do eugenismo humano...” (LOBATO, 1956c, p. 207). O uso do termo ódio para caracterizar a relação racial nos Estados Unidos chama a atenção, e pode ser colocado em perspectiva, se nos remetermos a uma carta enviada a Artur Neiva, em 1928: país de mestiços onde o branco não tem força para organizar uma Ku Klux-Klan, é país perdido para altos destinos. André Siegfried resume numa frase as duas atitudes. “Nós defendemos o front da raça branca – diz o Sul – e é graças a nós que os Estados Unidos não se tornaram um segundo Brasil.” Um dia se fará justiça ao Ku Klux Klan; tivéssemos ali uma defesa desta ordem, que mantém o negro no seu lugar, e estaríamos hoje livres da peste da imprensa carioca - mulatinho fazendo o jogo do galego, e sempre demolidor porque a mestiçagem do negro destrói a capacidade construtiva (LOBATO, 1928). Em fins da década de 1920, é muito difícil argumentar que o autor, que já estava nos Estados Unidos, desconhecia as atrocidades e violências cometidas pelo grupo supremacista citado. O fato de Lobato associar a incompetência da imprensa carioca à constituição racial de seus trabalhadores é um evidente sinal de racismo. (FERRETTI JUNIOR; WESTPHAL; MEIRA, 2021, p.82).

É possível notar a forte radicalização que Monteiro Lobato tem para com as questões das políticas de branqueamento do movimento eugenista, o autor defende, e chega até mesmo lamentar a não existência de movimentos supremacista na sociedade brasileira, isso nos revela o quão é aparente suas concepções racistas para com a população negra. Os autores Ferretti Junior; Westphal; Meira (2021) ainda nos revelam que:

Na narrativa distópica de O choque das raças, os negros haviam se submetido a tratamentos estéticos e, conforme sua cor de pele, eram todos igualmente brancos. O autor diz ainda que a maior vontade da população negra era trocar de cabelo, para assemelhar-se, enfim em totalidade física, ao branco. Além disso, as duas raças disputavam a melhor solução para o problema racial do país: dividi-lo

geograficamente em dois, como propunham os primeiros, ou “exportar” todos os negros para o vale do Amazonas, como desejavam os últimos: “A permanência no mesmo território de duas raças dispare e infusíveis perturbava a felicidade nacional” (LOBATO, 1956c, p. 238 *apud* (FERRETTI JUNIOR; WESTPHAL; MEIRA, 2021, p.83).

Portanto, o diagnóstico que surge nos revela informações que evidenciam o relacionamento de Monteiro Lobato com a eugenia no Brasil, e os presentes aspectos deste movimento em sua escrita. Logo, se a educação eugênica se configura como uma das propostas dessa corrente, talvez supostamente estaria o autor utilizando das suas produções literárias para promoção também de tais ideias.

### 3.3 NARRATIVAS A FAVOR OU CONTRA AS PERSPECTIVAS RACISTAS DO AUTOR

Jose Bento Renato Monteiro Lobato é um ilustríssimo intelectual brasileiro, considerado um homem a frente de seu tempo por muitos acadêmicos. Dono de uma carreira com vasto trabalho jornalístico e literário compõe obras de grande sucesso de crítica e publicações. Detentor de uma fértil imaginação, o escritor utilizava da realidade e também da fantasia em suas produções, se valendo de aspectos como o cotidiano nacional e questões sociais que envolviam o racismo e o preconceito para endossar seus escritos. Com um alto grau intelectual e tamanho prestígio no campo acadêmico o que sustentaria um autor compactuar de teores de cunho racista em uma sociedade pós escravocrata? Por que não estaria o escritor em suas obras exercitando em sua escrita apenas o retrato do cotidiano do qual viveu ou vivia, se a sociedade brasileira ainda matinha e atualmente mantém resquícios do período escravocrata como alguns costumes, cultura, e discriminação para com os negros? Lobato poderia está tratando de apenas representações em suas obras, mostrando como se configura a sociedade brasileira, já que é natural a qualquer autor trazer para seus trabalhos suas subjetividades.

De acordo com Santos (2022, p.791) é considerável pensar que as contribuições lobatianas para com o ramo da literatura brasileira são incontestáveis, principalmente no que compete ao campo da literatura infantil, configurando o escritor como precursor das produções infanto-juvenil no país. O intelecto e prestígio que Lobato conquistou consequentes de suas obras no âmbito jornalístico e acadêmico, o posiciona em lugar de destaque no campo das Letras. Seu brilho e talento não são questões discutíveis, uma vez que, qualquer sujeito por duvidosa ou contrárias as ideias comuns de convivência coletiva social, no quesito de direitos e igualdades entre os pares ou aversos aos princípios de caráter ético e moral da sociedade, não apresenta uma configuração fixada de significado em ter suas habilidades, competências e

inteligência desconsideradas. Ou seja, o fato de um indivíduo não agir politicamente correto, não deslegitima sua genialidade. Para explicar isso, Santos (2022) apresenta as contextualizações de Silva (2009):

Falar em literatura infantil brasileira é falar em Monteiro Lobato, escritor ultrapassou as fronteiras do Brasil, conquistando popularidade junto ao público leitor latino americano ainda no início dos anos 40. Mais do que isso: falar em escrever, traduzir, editar e distribuir livros neste país é falar em Lobato, homem ímpar, cujo maior empenho estava em mudar a face arcaica do Brasil, em trazer o país para a modernidade. Foi ele quem cunhou a célebre frase: “Um país se faz com homens e livros”, assertiva que nem os recentes ventos da globalização têm conseguido abalar (SILVA, 2009, p. 117 *apud* SANTOS, 2002, p.791).

Refletindo sobre o anseio de Monteiro Lobato em mudar a cara do Brasil, trazendo modernidade ao país, questionamos qual modernidade Lobato desejava? Um Brasil novo que pertenceria a quais cidadãos? Seria de todos, em modo uniforme e igualitário a todos os brasileiros, sem distinção entre os pares? A eugenia brasileira não simpatizava de desejos como estes, se buscava higienizar o país, limpeza esta que varria para longe das terras brasileiras cidadãos que não se associava ao ideal de sujeitos que levassem a nação a tal progresso desejado e estes cidadãos eram os não-brancos. A política de branqueamento do qual os movimentos eugênicos brasileiros compartilhavam não abraçavam todos os patriotas, nem muito menos dava uniformidade e igualdade a todos os indivíduos. Quando o literário infantil diz que “Um país se faz com homens e livros” quem são os homens que detém acesso à educação? Quem são os homens a que se dirige, e como estão estas representações em seus livros? Pontos pertinentes que merece no mínimo uma minuciosa investigação.

Em conformidade com Ferretti Junior; Westphal; Meira (2021):

[...] ideais e princípios associados à eugenia estão presentes de diferentes maneiras nos vários escritos lobatianos. Podemos identificar passagens em que os princípios científicos de manipulação hereditária são explicitamente chamados à cena, ligados a elementos de um evidente preconceito racial. A análise das fontes, no entanto, não permite que afirmemos que o projeto de Brasil construído pelo escritor paulista tinha esse fundamento como linha mestra. Apesar de navegar pelos mares eugenistas, foi na transformação das condições do meio, pela luta contra a pobreza, pela modernização industrial e agrícola, bem como pelo combate às doenças e ao atraso educacional, que o escritor paulista vislumbrou o florescer de uma nação brasileira. (FERRETTI JUNIOR; WESTPHAL; MEIRA, 2021, p.72)

Refletindo sobre qual projeto de Brasil anseia o autor em seu pensamento crítico, nos deparamos com seguintes questões: Se Lobato buscava transformar as condições do meio e levantava a bandeira da luta contra a pobreza, por quais pobres o autor lutava? Uma vez que, a



população mais pobre e vulnerável do país era e ainda é a do povo negro, grupo este ao qual as concepções eugenistas definiam como inferiores e precisavam ser combatidos. Quem navega em mares eugenistas consegue ancorar-se em portos de princípios contrários a estes? Qual bússola orienta e guia os pensamentos lobatianos nestas navegações em mares eugenistas?

As possíveis respostas podem ser encontradas nas leituras e interpretações de suas obras, na vida, trajetória e relações interpessoais do autor. Para alguns estudiosos, talvez Monteiro Lobato tenham apenas deixado conduzir-se as concepções da época vigente, como um barco à deriva em mar aberto, sendo conduzido pelas correntes marítimas, e esse pensamento fica claro quando Ferretti Junior; Westphal; Meira (2021) relaciona as teorias evolucionistas a escrita lobatiana, mostrando que o discurso do autor não poderia ser diverso do que propagava essas teorias, uma vez que, o autor fazia parte da composição dos homens das ciências e das letras da época, além de apresentar que a ideia de Brasil nas concepções lobatianas possuía caráter mais político e cultural do que os associados aos princípios eugenistas, nos evidenciando os seguintes relatos:

Apesar de ter se mantido na luta pelo progresso brasileiro, o autor voltou poucas vezes, desde então, aos preceitos eugenistas. Assim, seu projeto de Brasil parece ter se deslocado, mais definitivamente, do tipo humano para as condições políticas, culturais, educacionais e econômicas da nação (LOBATO, 1955 *apud* FERRETTI JUNIOR; WESTPHAL; MEIRA, 2021, p.87)

A citação anterior expõe uma suposta desvinculação o literário dos preceitos eugenistas, o caracterizando as lutas pelas demandas políticas, culturais, educacionais e econômicas do país, embora afirme que Lobato tenha mantido luta pelo progresso brasileiro numa perspectiva eugenista. A seguir os mesmos autores nos expõem as seguintes declarações:

O fato é que o autor construiu sua vida intelectual em um ambiente evolucionista. O extravasamento desse paradigma para as estruturas sociais tornou natural para alguns intelectuais que a ideia da igualdade entre os homens era tão absurda quanto a igualdade entre diferentes espécies de animais. Em uma anotação, provavelmente de 1932, Lobato escreveu: “Sendo o homem um perfeito animal, submetido às mesmas leis biológicas que o evolucionismo estabeleceu [...], seria supinamente ridículo que as aplicássemos a todos os seres, com exceção apenas do homem” (LOBATO, 1964c, p. 187). No mesmo texto, ainda afirma: “Assim, um bechuana (negro do Sul da África) assemelha-se intelectual e moralmente, muito mais a um gorila do que, naturalmente, a um holandês ou italiano” (LOBATO, 1964c, p. 187)

A redenção do Jeca Tatu, depois da publicação de Problema vital, não foi mais questionada pelo autor. Em 1947, ele até mesmo reforçaria a transposição da culpa, atribuída em “Urupês” ao caboclo, para as estruturas sociais e políticas, com a publicação de Zé Brasil, livreto em que defende, entre outras coisas, a reforma agrária. Não há, contudo, redenção do indígena nem do negro. É possível dizer que a esperança de que a ciência fosse capaz de alterar o destino humano foi projetada com mais ênfase quando a população-alvo era fruto das relações entre europeus e indígenas:

características paulistas, constituição ideal do bandeirante. (FERRETTI JUNIOR; WESTPHAL; MEIRA, 2021, p.88)

Analisando a hipótese de Monteiro estar reproduzindo os contextos de seu tempo, e discursando baseado nos aspectos da mentalidade e correntes vigentes é plausível tentar compreender as leituras que se fazem a respeito dessa ótica. A posição do autor para com seus pensamentos críticos sobre o tema eugenia, pode ser explicada a partir das teorias biológicas emergentes e popularizadas naquela contemporaneidade, e os autores Ferretti Junior; Westphal; Meira (2021) relaciona isso citando um estudioso que busca explicar que para se compreender um fato e/ou objeto e torná-lo praticável, é essencial conhecer e entender as origens e bases estruturais que compõe este fato e/ou objeto. Pesquisar as justificativas e os fatores condicionantes dar ênfase as leituras e interpretações que implicam na compreensão do fenômeno. Dessa forma, os autores apresentam:

Peter Gay, em uma de suas obras dedicadas a compreender o que batizou Era Vitoriana, concentrou-se nos nexos culturais da agressividade. Para ele, toda cultura, toda classe, toda a Era precisa produzir álibis capazes de justificar a agressividade, tornando-a compreensível e praticável. Assinala Gay que, no século XIX, os mais marcantes álibis criados, que interessam diretamente ao presente artigo, são relacionados às teorias biológicas formadas no século XIX: as ideias de concorrência ou disputa, que transbordaram para o campo literário e sociológico e as novas formulações sobre a diferença, responsáveis, ao seu ver, pela construção de um Outro conveniente. As teorias de Herbert Spencer e as simplificações da obra de Charles Darwin foram logo popularizadas em escala multitudinária, colocando assim as discussões, das mais simplistas às mais refinadas do ponto de vista intelectual, girando em torno da disputa pela preservação da espécie e da hereditariedade, tornadas pedras de toque do pensamento social oitocentista, com desdobramentos significativos no novecentos. A atenção dos médicos, filantropos e educadores volta-se para a infância, para a higiene das instituições, para a responsabilidade no casamento bem como para toda a ordem de grupos considerados desviantes; loucos, criminosos e prostitutas. Passa a imperar a lógica de que, sendo a infância a primeira fase da vida, seria ela a definidora dos rumos que a vida do indivíduo tomaria. Objetivava-se uma criança saudável física e moralmente, uma vez que era nela depositada a responsabilidade da evolução da espécie. (SILVEIRA, 2002, p.2-3)

Visto que, Monteiro Lobato dedicou-se a escrita literária infantil e que supostamente apresenta em suas obras destinadas a esse público resquícios de um discurso emergido na ideologia eugênica da qual era simpatizante, admirador e participante, possivelmente poderia estar o autor apenas reproduzindo em suas produções literárias uma política educacional da época que admitia e reconhecia o racismo, além de promover uma política de branqueamento. Esta argumentação não isenta o escritor do paradigma de escrita com discriminação racial, porém supostamente justificaria sua posição perante a seus escritos.

Éder Silveira (2002) nos expõe como os eugenistas pensavam no tratar das crianças em relação aos conceitos de suas ideologias, para eles era essencial fazê-las parte do projeto de nação, pois as mesmas consideradas futuro da pátria deveriam ser as primeiras a comporem o processo de “purificação das raças”. Estas sendo purificadas ainda na infância, ampliaria as chances de os indivíduos tornarem-se evoluídos e livres dos vícios de degeneração considerados ruínas para os seres. A passagem abaixo, nos revela este pensamento:

Vários autores que se aliaram ao Eugénismo/Higienismo visaram demonstrar a importância do cultivo da infância, ligado não só à educação física, mas também à discussão sobre o controle de natalidade. Amadeu Amaral, de forma taxativa e direta afirmava, em 1922, na *Revista do Brasil*, em um ensaio intitulado "Cuidar da Infância!", que a construção de instituições como hospícios, penitenciárias e asilos, criadas pelo “gênio humano”, “visando corrigir as falhas e os aleijões dos corpos e das almas” eram um erro. Amaral afirmava que o problema, de fato, era “que de tudo se tem cuidado, menos de purificar as fontes... A água que de lá vem já vem contaminada, e mais gravemente se contamina depois. Cuidemos das fontes! Cuidemos da criança!” (SILVEIRA, 2002, p.8)

Logo, uma via alternativa que possivelmente explicaria os teores considerados discriminatórios e preconceituosos escritos por Monteiro Lobato, em suas obras literárias para com os povos não-brancos, seria justamente a hipótese de sua escrita ser um dos mecanismos que compreendem a política eugenista destinada a educação incidente sobre a infância dos sujeitos. Desse modo, o autor estaria somente cumprindo as orientações de um movimento do qual era agente ativo. Traçando uma análise interpretativa dessa possibilidade que é nos apresentada, algumas questões podem ser levantadas para um diagnóstico a respeito: Sendo Monteiro Lobato um homem das letras, intelectual pensante com uma genialidade incontestável, quais aspectos foram empecilhos ao autor pensar ou refletir outras perspectivas vigentes ao projeto de Brasil? O que o motivou a desprezar os pensamentos e ideais distintos da eugenia, que outros homens de letras, como José de Alencar citado por Lobato, compartilhavam? Que fatores aproximavam o escritor das possibilidades de negação de direitos e existência de ser dos povos negros, já que a eugenia não era movimento de pensamento único da época? Se pensarmos que mesmo no período da escravidão, em que as práticas discriminatórias e preconceituosas eram justificadas e aplicadas pela lei, pela religião e outros aspectos sociais, eram possíveis, posições, ideais e pensamentos contrários a essa doutrina, e até mesmo combate e repúdio a elas por homens intelectuais ou não. No mínimo, seria hipoteticamente possível um homem de letras não compactuar, simpatizar ou aderir a movimentos, ideologias ou doutrinas que se configurem divergentes de seu pensamento crítico ou subjetividade do seu ser.

Em meio a problemática de um dos maiores escritores da literatura brasileira ser supostamente racista, análises e discussões endossam a polêmica<sup>9</sup>. Pesquisadores, educadores e acadêmicos discorrem sobre o assunto que constrange a sociedade literária brasileira. Estaria a nação diante de uma errônea valorização de um sujeito pertencente a elite branca brasileira, que defendia os interesses e pensamentos da manutenção da classe as custas da subjugação e inferiorização dos não-brancos, reforçando princípios éticos e morais aversos aos fixados sobre a igualdade democrática racial do país ou injustificando alguém que apenas retrata o contexto histórico de sua época? Dentre os principais argumentos deste embate destaca-se que Monteiro Lobato estaria apenas retratando a realidade em que viveu, enquanto os contrapontos se baseiam em fatos de que as obras escritas não pertencem ao período escravocrata, e sim teriam sido escritas em um Brasil pós-escravidão; além de pontuar o fato da simpatia do autor com líderes e ideologias de branqueamento da população brasileira, como por exemplo, os movimentos da Eugenia<sup>10</sup> e admiração por movimentos supremacistas<sup>11</sup> como o Ku Klux Klan.

Para Marcos Ramponi dos Santos (2022) pesquisador do tema, a leitura ótica que se apresenta refere-se ao fato do literário infantil necessitar assumir um papel em meio a dinâmica

---

<sup>9</sup> Em 2010, Antonio Gomes da Costa Neto, Técnico em Gestão Educacional da Secretaria do Estado de Educação do Distrito Federal protocolou uma denúncia no Conselho Nacional de Educação a respeito da obra *Caçadas de Pedrinho*. O autor da denúncia sustenta que a obra viola as normas do Programa Nacional Biblioteca da Escola, do Ministério de Educação que veda a compra de livros que não se enquadrem nos critérios: “ausência de preconceitos, estereótipos ou doutrinações. (p.176). O Conselho acatou a denúncia e emitiu o Parecer CNE/CEB Nº: 15/2010. Este Parecer – que tinha força de lei – recomendava que a obra não fosse adquirida pelo Programa. No entanto, caso o Estado, contra as normas do Programa Nacional, as leis 10.639/03 e 11.645/08 e a Constituição do país, quisesse adquirir a obra, afinal é Monteiro Lobato, o Parecer recomendava que os professores fossem preparados para o uso do material bem como obrigava o MEC a exigir que as editoras responsáveis pelas obras – com conteúdo racista pertencentes ao Programa – colocassem uma nota explicativa e de esclarecimentos ao leitor sobre os estudos atuais e críticos que discutam a presença de estereótipos raciais na literatura. O Parecer, que protegia as crianças afro-brasileiras foi aprovado por unanimidade. Foi o bastante para uma gritaria geral na academia, nos meios de comunicação e até no MEC. O Parecer foi acusado de censurar as obras de Monteiro Lobato e o Ministério da Educação, a época comandado por Fernando Haddad, pressionou o Conselho para rever o Parecer, pois, afinal de contas, não precisamos exagerar no combate ao racismo na educação infantil e fundamental. Aliás, Monteiro Lobato não era racista. Ou melhor, ainda, era produto do seu tempo, dizem aqueles que se vangloriam de viver em um paraíso racial (sic)! O primeiro documento foi revisto pelo Parecer CNE/CNB 06/11 que, além de autorizar a compra das obras retirava a exigência da nota explicativa. Como Costa Neto, em conjunto com o Instituto de Advocacia Racial e Ambiental recorreu da recomendação do segundo Parecer, o caso foi parar no Supremo Tribunal Federal onde se encontra até hoje. (BENEDICTO, 2016, p.176-178)

<sup>10</sup> A palavra eugenia tem sua origem no grego, eu – bem/bom e genéia – evolução/origem/raça, ou seja, boa linhagem. Conhecida como a ciência da eugenia ou ciência da boa geração, foi criada por Francis Galton no final do século XIX, na Inglaterra, e teve como foco a evolução da raça humana, levando em consideração as características físicas tais como cor dos olhos e da pele e não físicas, como a inteligência. Francis Galton foi inspirado para desenvolver sua teoria depois da leitura do livro de Charles Darwin *A Origem das Espécies*. (SANTOS, 2022, p.785).

<sup>11</sup> Que ou quem é adepto do supremacismo, ideologia que defende a supremacia ou superioridade de um determinado grupo de indivíduos e que reclama para os seus membros o domínio dos restantes indivíduos (ex.: grupo supremacista; conspiração de supremacistas brancos).

política a que compreendia o país, que buscava uma identidade nacional por vias de políticas de embranquecimento baseadas nos pensamentos da elite branca brasileira que associava o atraso e a degeneração da nação a população negra, concepções estas totalmente racistas emergidas na discriminação e no preconceito. Ora, se Monteiro Lobato era um intelectual defronte aos movimentos, ações e políticas a que se queriam implantar no Brasil, este teria a sua disposição a oportunidade se posicionar contra ou a favor dessas correntes, decidindo-se pelo viés que mais se condicionasse a seus pensamentos e princípios. Santos (2022,) explica:

A abrangência e extensão tomados pela ciência no século XIX, levando em conta essas novas ideias influenciaram inúmeros pensadores e um deles foi Monteiro Lobato, no século XX, e o levou a aprofundar seus estudos neste campo de pensamento para tentar erigir a identidade do país recém-republicano. A classe intelectual brasileira, desde o começo do século XX até por volta dos anos de 1950 viam na heterogeneidade uma barreira robusta para a implementação desta identidade nacional. Entretanto, o personagem principal desta pesquisa, com uma mistura de político e cientista, intelectual e escritor, deveria assumir uma posição a favor ou contra das doutrinas europeias que lhe foram apresentadas e posicionar-se em relação a miscigenação. Assim sendo, para Monteiro Lobato, posicionar-se sobre a questão da mistura de raças enquanto problema racial foi uma questão de nacionalismo e pensar no papel do negro a frente de importantes papéis na sociedade seria fator de degenerescência e atraso racial. (SANTOS, 2022, p.785-786)

Logo, foi escolha livre do escritor se posicionar diante das questões emergentes do país, e assim sendo, direcionou-se a um caminho que mais se assemelhou as suas convicções morais e éticas, atendendo aos seus interesses e foi de encontro com seu pensamento crítico assim como sua subjetividade. Santos (2022) desestrutura o argumento de defesa compartilhado pelos simpatizantes da dialética lobatiana de que o escritor estaria apenas retratando sua época ou meio social que pertencia, uma vez que, na contemporaneidade convivemos em uma sociedade emancipada da escravidão, todavia emergida em uma estrutura racial que dissemina discriminação e preconceito para com a população negra. Desse modo, se apresenta uma mesma lógica em configurações temporais diferentes, com problemáticas complexas que exigem posicionamentos. No Brasil de hoje, apesar de não se conviver com uma política de embranquecimento legalizada pelo estado como projeto nacional, é fático que o racismo permanece estruturado na sociedade, tornando leituras de obras com teores de preconceito e discriminação mais uma ferramenta de manutenção desse fenômeno cruel, cabendo aos cidadãos brasileiros relacionarem seus ideais, posicionamentos e luta em linhas que conversam e reafirmam o fenômeno do racismo ou dialoguem em uma perspectiva antirracista. Santos (2022) conceitualiza sua análise a respeito do posicionamento de Monteiro Lobato afirmando que:

Quando Monteiro Lobato lançou seus primeiros livros, o Brasil não era mais um país escravocrata, porém, o racismo estava presente em diversas esferas da sociedade, como nos dias atuais. Os negros já tinham conquistado sua liberdade, estavam garantindo direitos e alguns ganhavam destaque na sociedade. Escrever sobre os negros com desmerecimento, adjetivos negativos, insultando com as falas dos seus personagens era uma forma do escritor manifestar sua posição com relação ao assunto. É simplesmente injustificável que Lobato apenas retratasse a realidade de seu tempo. (SANTOS, 2022, p.793)

O pesquisador também se utiliza do que revela Dias (2013) sobre o tema:

Lobato, um influente autor brasileiro do século XX, era racista de perigosa influência nos bancos escolares, consumido com avidez pelas crianças. Porém...“Há evidências suficientes para afirmar que [...] Monteiro Lobato era de fato racista [...] foi membro da Sociedade Eugênica de São Paulo e amigo pessoal de expoentes da eugenia no Brasil, como os médicos Renato Kehl (1889-1974) e Arthur Neiva (1880-1943). Uma carta escrita por Lobato a Neiva, em 1928, desmancha dúvidas dos mais intransigentes. Eis um trecho dela, conforme o original: “País de mestiços onde o branco não tem força para organizar uma Klux-Klan, é país perdido para altos destinos. André Siegfried resume numa frase as duas atitudes. ‘Nós defendemos o front da raça branca – diz o Sul – e é graças a nós que os Estados Unidos não se tornaram um segundo Brasil’. Um dia se fará justiça ao Klux Klan [...] que mantém o negro no seu lugar” (DIAS, 2013 *apud* SANTOS, 2022, p.793).

Além de trazer Bignotto para apresentar pelo menos duas razões que explicam o porquê do racismo nos livros infantis à época de Lobato.

O racismo evidente nos livros infantis que circularam na Primeira República pode ser explicado por meio de algumas hipóteses. Em primeiro lugar, era efeito do racismo que estruturava (e ainda estrutura) a sociedade brasileira. Em segundo, era produto do racismo que permeava o sistema de ensino do período (BIGNOTTO, s.d. *apud* SANTOS, 2022, p.793).

Em suma, os trechos apresentados dizem respeito como a sociedade brasileira estruturada por um racismo enraizado conduzia o tratamento para com a população não-branca, reforçando suas ideologias e pensamentos nos distintos setores e sistemas sociais, como o sistema de ensino do país, e produzia meios (como por exemplo obras literárias, artigos jornalísticos entre outros) para disseminar e manter tais concepções. Ainda conforme Santos (2022):

O escritor ao dar voz aos personagens manifesta seus pensamentos mais íntimos e sua posição com relação ao racismo. Sua intenção ao escrever ao público infantil é enfatizar a posição do negro como inferior ao branco, é criar na consciência das crianças e jovens a ideia de que o lugar da raça negra é abaixo da branca, é uma classe que surgiu para servir e nunca ser servida. Ao se referir com desmerecimento aos negros, Lobato reforça a questão do racismo como estruturado na sociedade. Seus ideais eugênicos não deixaram de existir com sua morte, mas foram reproduzidos ao longo de décadas por inúmeros leitores, mesmo sem a completa consciência deles.

Nada justifica a ideia de o escritor estar apenas retratando seu tempo. A escravidão já não era mais uma realidade quando lançou seus livros. O racismo existia, existe e continuará a existir, infelizmente. Justificar que Lobato retratou seu tempo é apenas perpetuar a condição inferior da raça negra.

Apesar das frases em que os negros são ofendidos e desmerecidos, a literatura lobatiana é rica. Seus livros, passando por minuciosa revisão, podem ser usados em salas de aula e salas de leitura, pois suas histórias despertam a imaginação. Porém, antes de minuciosa revisão, poderão ser usados para fins específicos, como por exemplo, para enfatizar como eram as literaturas no início do século XX e qual a posição dos escritores e sociedade em relação ao negro e ao racismo. Usado neste contexto, para esta finalidade, os professores poderão trazer uma discussão a respeito do racismo nos dias atuais, descrevê-lo como estruturado na sociedade, nas instituições, entre outras possibilidades. (SANTOS, 2022, p.798)

Ao escrever qualquer linha, um escritor traz para suas obras sua identidade e os aspectos marcantes de sua subjetividade, independente do estilo linguístico ou literário que adote. Por mais fantasiosas que sejam as histórias de Monteiro Lobato nos livros infantis, isso não o isenta da representação simbólica ou leitura que sua obra despertará. Ao ler um livro, os leitores se identificam com os personagens, fazem uma leitura e associação de mundo, e introduzem de modo consciente ou não a mensagem seja ela nítida ou nas entre linhas dos escritos do autor. Portanto, o não reconhecimento das problemáticas no discurso presente nas obras lobatianas, possivelmente pode se configurar em perpetuação de suas ideias e pensamentos com teores no mínimo constrangedores e injustos para com um grupo social que contribuiu para formação deste país, torna-se perigosa a reprodução de uma representação simbólica pejorativa para com os negros e de como ele é significado nos livros infantis de Monteiro Lobato não sendo plausíveis as justificativas apresentadas para se tentar compreender tais representações. Um dado aparente que associa a subjetividade de Lobato em seus escritos é revelado nos estudos de Ferretti Junior; Westphal; Meira (2021), os autores expõem como o literário transcreve seus pensamentos e ideais através dos personagens de suas obras, o que descaracteriza o argumento do discurso do literário está fixado em meras fantasias do seu imaginário deslocadas da realidade social ou de suas reais considerações a respeito dos temas.

Reapareceu em América uma constatação que em carta ao amigo Rangel datada de 1925 o autor já havia feito: “Não tenho o índio ou o negro na alma. O tropicalismo me parece coisa de índio e negro da África” (LOBATO, 1961b, p. 283). Seguindo raciocínio semelhante, Mr. Slang expõe, nas páginas do texto, sua teoria de que “apenas encontram encantos num país tropical o bugre e o negro d’África” (LOBATO, 1966, p. 94). É notável que Lobato tenha sido bastante assertivo ao confessar, mais de uma vez (LOBATO, 1964b, p. 200), que ele era um “peixe que esteve fora d’água desde 1882 [...], e só agora caiu nela. Isso aqui é o mar do peixe Lobato” (LOBATO, 1961b, p. 302). Identificando-se com os Estados Unidos, ele acaba utilizando o país como referencial para seus olhares sobre o Brasil. (FERRETTI JUNIOR; WESTPHAL; MEIRA, 2021, p.85)

No trecho anterior, podemos identificar como Lobato utiliza do personagem Mr. Slang para dar vida e voz a seus reais pensamentos. Outro fato importante que descontrói a argumentativa do discurso do autor está livre da promoção e propagação preconceituosa e discriminatória para com os grupos negros, se faz da sua relação com a eugenia. Logo, é no mínimo contraditório um eugenista assumir princípios e posturas distintas de seus ideais, nesse sentido Monteiro Lobato não poderia fugir da desumanização, e subjugação destinados aos grupos negros e não brancos do país.



#### 4 CAPÍTULO 3 - ANÁLISE DO RACISMO NA LITERATURA LOBATIANA

Como foi apresentada, a literatura infantil em conjunto com a representatividade são ferramentas importantes para a construção do desenvolvimento da criança. Em relação à perspectiva brasileira, a literatura infantil aparece no Brasil nos finais do século XIX. Sobre este tema Cunha afirma: “No Brasil, como não poderia deixar de ser, a literatura infantil tem início com obras pedagógicas e, sobretudo, adaptadas de produções portuguesas, demonstrando a dependência típica das colônias”. (CUNHA *Apud* SILVA, 2009, p. 137). Ainda em conformidade com Aline Luiza da Silva: “Pode-se dizer que a literatura infantil brasileira teve início com Monteiro Lobato, com uma literatura centralizada em alguns personagens em especial”. (SILVA, 2009, p. 137)

Considerado grande precursor da literatura infantil brasileira José Renato Monteiro Lobato, autor e produtor de obras literárias, tem até os dias atuais grande prestígio no mundo literário infantil do país, com inúmeras obras produzidas. Além do uso como recurso de leituras suas produções têm grande espaço no âmbito pedagógico. Entre suas principais obras infantis destacam-se: *Narizinho Arrebitado* (1921), *O Marquês de Rabicó* (1922), *Caçadas de Hans Staden* (1927), *Peter Pan* (1930), *Reinações de Narizinho* (1931), *Viagem ao Céu* (1931), *Caçadas de Pedrinho* (1933), *Emília no País da Gramática* (1934), *História das Invenções* (1935), *Memórias da Emília* (1936), *Histórias de Tia Nastácia* (1937), *Serões de Dona Benta* (1937), *O Pica-pau Amarelo* (1939).

Os escritores possuem distintas concepções sobre as características dos textos lobatianos. Alguns estudiosos definem Monteiro Lobato como um crítico que retratava a sociedade de sua época, exaltando os problemas sociais do país; em contraponto, outros afirmam que o autor apresenta tendências racistas e preconceituosas em seus textos ao estereotipar os fenótipos dos indivíduos negros de modo pejorativo, e essas tendências baseiam-se no fato de Lobato ser um eugenista, já que a eugenia (movimento que pretendia formar uma raça pura branca, na qual se construiria uma nação de progresso e futuro) era corrente preponderante no âmbito da sociedade brasileira.

Esse desencontro de interpretações a respeito do autor fica explícito nas passagens em que para Maria Cristina Gouvêa (2005) apresenta-se:

Lobato apontava a contradição entre o projeto de resgate da tradição oral e sua inadequação ao presente, na medida em que era associada à ignorância e à falta de criatividade. Lobato falava do fim de uma tradição, sepultada pelos valores da modernidade, que, ambigualmente, de um lado buscava recuperar as raízes nacionais

e, de outro, enxergava nessas raízes as origens da ignorância que impediriam a construção de um Brasil moderno. (GOUVÊA, 2005, p.85)

De acordo com as considerações de Lajolo conforme citado por Marília Garcia Boldorini e Taiza Mara Rauen Moraes (2016):

Lobato confronta a todo instante o mundo da cultura negra, representado por Tia Nastácia e Tio Barnabé, com o mundo da modernidade branca, do qual Dona Benta e as crianças são porta-voz. A estudiosa também garante que a imobilidade ficcional a que estão confinadas ambas as personagens negras do sítio nada mais é do que um retrato da população brasileira dos anos 1930. “O conflito é violento porque ele não era menos violento na vida real [...]. E a literatura, uma das arenas mais sensíveis na encenação deste conflito, representa-o” (LAJOLO *apud* BOLDORINI; MORAES, 2016, p.198)

Assim como as contradições expostas nas citações acima, diversas outras compõem a problemática a respeito de Lobato quanto às suas produções e propósitos das mesmas. O conflito abrange tal nível de complexidade que merece o exame detalhado e compreensão da verdadeira finalidade das obras. Para tanto apresentam-se as seguintes obras “Os doze trabalhos de Hércules I”, “Caçadas de Pedrinho” e Memórias de Emília” do escritor Monteiro Lobato. Começamos com a obra ‘Os Doze Trabalhos de Hércules’.

#### 4.1 ANÁLISE DA OBRA “OS DOZE TRABALHOS DE HÉRCULES”

A narrativa produzida por Monteiro Lobato (1985) conta as aventuras e façanhas dos personagens do Pica Pau Amarelo e o famoso herói grego Hércules na execução dos seus doze trabalhos. Por meio de uma viagem, os personagens são teletransportados a um mundo diverso do seu a fim de acompanhar os extraordinários feitos realizados por Hércules na Grécia Antiga.

É percorrendo cada trabalho herculano, contendo neste volume 14, apenas os sete primeiros trabalhos, que Lobato apresenta ao universo infantil suas ideias e seus pensamentos, através dos escritos conhecemos um pouco da subjetividade e personalidade do autor, podendo assim compreendermos seu modo de pensar e suas características referentes a diversos temas, como por exemplo, as relações e concepções no que diz respeito ao tratar do outro e sobre a diversidade humana.

Pontuados alguns trechos em que o autor se refere a cor da pele da personagem Tia Nastácia, temos: “*A negra*, entretida em fritar uns lambaris, resmungava: - Para que isso agora? Estou cansada de fazer coisas para você, Emília.” (LOBATO, 1985, p: 8). Esse trecho indica que o autor prefere utilizar a cor da pele da personagem para adjetiva-la, evidenciando um

“vício” talvez linguístico assim supostamente podemos definir, que só equivale a personagem Tia Nastácia. Vejamos outra passagem em que essa indicação de representações é aparente:

*A negra* não acreditou em coisa nenhuma; mas, para se ver livre da atropeladeira, disse: - Está bom. Faço sim. Que remédio? Você quando quer uma coisa fica pior que carrapato... – e à noite, no serão, fez a canastra nova do tamanho que a atropeladeira queria. Dona Benta apareceu e viu *a negra* entretida naquilo.” (LOBATO, 1985, p: 8, 9).

O autor substitui o nome da personagem Nastácia na maioria das vezes no decorrer da narrativa pelo termo que se refere a sua cor/raça, ou seja, (*preta* ou *negra*), o que não o faz com os outros personagens, já que em nenhum trecho de todo o texto o escritor usa o termo de cor/raça “branca” para identificar ou distinguir outros personagens, reforçando assim a concepção ideológica de normatização de uma cor/raça a qual não necessita ser identificada ou enfatizada porque compõem o normal e o padrão, e distinguindo somente a cor/raça que sociologicamente é caracterizada como não padronizada.

Em outro segmento do texto, encontramos a seguinte passagem literária: “- Credo! – exclamou *a preta*, sem saber que “trabalhos” eram aqueles, e Narizinho veio pedir à vovó que falasse de Hércules.” (LOBATO, 1985, p: 9). A estereotipação de Nastácia gera como consequência o reforço da classificação da raça humana (ideologia darwiniana) que hierarquiza as raças, e este fato fica explícito quando Lobato resume a personagem simplesmente a cor da sua pele. A análise revela que a caracterização de Nastácia pela cor se restringe ao narrador e a personagem Emília (destaque ou se não afirmar protagonista das obras) o que evidencia maior problemática já que os “donos” da estória apresentam tais características, não é notável essas características de representações provenientes dos personagens coadjuvantes como Pedrinho e Narizinho.

Sobre os fragmentos que compreendem submissão e subalternização destacam-se: “- E sinhá deixa? – disse Nastácia, lembrando-se das aflições passadas no labirinto de Creta, quando andou as voltas com o horrendo Minotauro.” (LOBATO, 1985, p: 9). A imagem de Nastácia ser submissa a personagem de Dona Benta é representada quando o autor nas falas da personagem faz com que a mesma se refira a Dona Benta como “sinhá”, termo utilizado no período da escravidão pelas mulheres escravizadas quando se dirigiam as esposas dos senhores donos de escravizados e mulheres brancas da sociedade, todavia a estória contata não é retratada no período escravocrata e sim pós-escravidão, caracterizando um paradigma preconceituoso de outra época. A obra foi publicada pela primeira vez no ano de 1944, há 56 anos pós abolição da escravidão no Brasil, o que desqualifica o argumento de retratação de um período da época,

além do mais o autor não deixa explícito que as histórias são retratadas num período escravocrata, logo assim não se justifica algumas argumentos e discursos de defesa sobre a obra retratar as concepções culturais daquele período atual.

Na obra, no fragmento em que nos deparamos com a seguinte declaração abaixo, é possível verificar indícios de subalternidade e desqualificação empregados à personagem: “– Quem é essa dama? - Não é dama nenhuma – respondeu Emília. – É simplesmente Tia Nastácia, a maior quituteira do mundo – e tais coisas contou das proezas culinárias da negra, que um fio d’água começou a pingar da boca do herói e do centaurinho”. (LOBATO, 1985, p: 69, 70).

O fragmento anterior deslegitima Nastácia como dama, logo que, se o significado para tal termo consiste em nome genérico e atencioso pelo qual se designa todas as senhoras, e Nastácia sendo uma senhora, por qual motivo a personagem não lhe atribui tal termo? Qual seria o fato/motivo de não ser Nastácia uma dama? É notável as intenções a exclusão do meio social, ou seja, de marginalização direcionadas a personagem, assim como uma desqualificação do ser.

Apresentando à análise, em uma outra passagem, é notório na interpretação desta, a presença de elementos de patriarcalismo machista do escritor, quando o mesmo expressa a existência de características pertencentes à homens e outras às mulheres como por exemplo o comprimento dos cabelos. Acentuando o quanto a personalidade do autor é composta por concepções de diferenciação seja ela por gênero ou por raça/cor, mostrando-se evidente na passagem em questão: “Era um homem já bastante antigo, do tempo em que se usavam calções de seda, sapatos de fivelas e cabeleiras de cachos. Emília achou muito sem jeito aquele homem de cabelos compridos, porque isso de cabelos compridos é coisa de mulher.” (LOBATO, 1985, p:127).

Outro momento da obra, contextualiza o enaltecimento da raça branca, atribuindo elogios e ainda realizando uma comparativa entre a construção social do Brasil e a da Grécia, enfatizando o sucesso da raça branca na dominação territorial. Nas pontuações o autor reforça ideologias de superioridade dos grupos étnico-raciais brancos para com os outros grupos (como para com os indígenas no território brasileiro), perpetuando um discurso de contextos históricos disseminados até os dias atuais, no qual se atribuí as vitórias de conflitos/lutas sempre aos brancos, além de configurar essas vitórias como aspecto positivos ao progresso e civilização. Vejamos o ponto em que a configuração é explícita:

– Mas donde vieram esses helenos? – quis saber Pedrinho. - Diz a história que procediam do Cáucaso, onde a raça é branca e muito bonita. Emigraram de lá para

aqui no tempo dos pelasgos, que eram uma espécie de índios daqui, ou habitantes primitivos. Como fossem muito valentes e inteligentes, os helenos submeteram os pelasgos e se substituíram a eles. – Como lá em nossa terra os portugueses se substituíram aos índios – cochichou Emília para Hércules... (LOBATO, 1985, p: 223)

No que tange as citações no texto que envolvem o prol, ou seja, benefícios de defesa dos escritos do autor temos um segmento em que Lobato também usa a palavra *beicho* para se referir ao rei grego que de acordo com a narrativa pertence a raça branca, este fato deslegitima o argumento que o acusa de associar esses termos caracterizados como animais (já que os indivíduos humanos possuem lábios e não beijos) a raça negra, relacionando-o apenas a personagem Nastácia, assim temos: “- No dia seguinte, bem descansado, foi Hércules para Micenas dar conta ao soberano da realização daquele último trabalho. Ao saber que o herói havia espantado para longe as aves do Estinfale, *Euristeu mordeu o beicho.*” (LOBATO, 1985, p: 229)

O recorte a seguir, apresenta elogios aos feitos culinários da personagem de Tia Nastácia, o que pode caracterizar que as intenções do autor não são de absoluto desqualificação da mesma. Atribuindo ao recorte temos: “– Sim – disse Emília. – Tia Nastácia é a Circe da cozinha. Pega um pato e faz um “pato com arroz” que é da gente comer e berrar por mais. E para doces, então, não há igual. Dona Benta diz que ela é uma “doceira do céu...” (LOBATO, 1985, p: 230, 231).

As páginas 271, 272 e 273 compreendem no discurso sobre a vida do autor e sua obra, os relatos destacam os chamados “caboclos” como pessoas abandonadas, sem higiene, alimentação e orientação segundo as concepções lobatianas, atributos importantes para que o indivíduo fosse considerado produtivo. Essa ausência de tais atributos definiam seu famoso personagem “Jeca tatu” (símbolo do caipira brasileiro), entretanto Lobato ressalva que o personagem não é assim, está assim. O escritor em sua plenitude também fazia campanha nacionalista, apesar dos desgostos, divergências com soluções adotadas no país e sua prisão por seis meses em 1941.

Realizando uma reflexão sobre as abordagens da obra em questão percebe-se que a introdução de cenas de sua infância nos contos infantis produzidos, revela o quanto Monteiro Lobato marcava com sua experiência e/ou subjetividade suas obras, deixando evidente que seus contos não são baseados em simples fantasias ou retrato da época assim como alguns críticos afirmam em seus discursos de defesa em prol do escritor em relação a polêmica dos trechos considerados racistas.

Em relação aos seus personagens, Emília é a boneca de pano que diz tudo o que lhe passa na cabeça, o questionamento que emerge em relação a personagem seria o fato da mesma ser uma ferramenta na qual Monteiro se utilizaria para disseminar suas concepções, preconceitos entre outros de modo subliminar no qual não seria criticado ou julgado pelo meio social. No que se refere a personagem da Tia Nastácia nota-se que é caracterizada como a empregada da casa, cozinheira de inúmeros quitutes e à quem confeccionou a boneca Emília, entretanto ao longo do texto é comparada pela boneca de pano a uma mucama associando-a as negras escravizadas do período colonial, período este no qual o país já não apresentava, pois os contos de Lobato foram publicados em 1921, trinta e três anos após a abolição da escravidão no Brasil. Verifica-se que as características que definem a personagem Nastácia são atribuídas a sua função e não as suas qualidades pessoais, diferentes assim das características atribuídas aos outros personagens como por exemplo, Pedrinho caracterizado como corajoso e esperto, Dona Benta como senhora inteligente e dócil, entre outros. Outro aspecto importante é que apesar de Nastácia ter confeccionado a boneca Emília, a personagem não atribui a ela sentimentos matriarcais e o tratamento direcionado é na maioria das vezes desrespeitoso e de inferiorização.

Afirma-se que o autor se preocupa em informar e educar por meio de suas obras encantando as diversas gerações brasileiras, o que torna mais agravante caso o conteúdo da obra seja preconceituoso e discriminatório, podendo assim auxiliar na construção de indivíduos desumanos e contrários as diversidades e respeito pelo outro.

#### 4.2 ANÁLISE DA OBRA “CAÇADAS DE PEDRINHO”

A obra de Lobato (2003) “Caçadas de Pedrinho” conta as aventuras da caça de uma onça no Capoeirão dos Taquaruçus, esboçando desde a captura de uma onça pelos personagens do sítio até a vingança dos animais, liderada pelo viúvo da onça morta, ao qual feito coube as crianças do sítio. A estória abrange cada passo da aventura e os acontecimentos derivados da morte da tal onça, expondo as emoções vivenciadas pelos personagens como coragem, medo, espanto, alegrias, e suas estratégias para vencer a “guerra” que se formou entre os humanos e os animais, além de evidenciar como as crianças do sítio utilizaram de suas habilidades para terem sucesso a respeito das confusões em que se envolviam.

A mensagem que o ministério da educação apresenta na contra capa do livro esboça um incentivo à leitura, tenta despertar um interesse no saber que não compreendem apenas as

formas concretas percebidas pela visão e sim aquelas contidas nos livros e nas entrelinhas. O saber que nos faz compreender o mundo de forma total, é a apresentação de uma outra forma de conhecimento que a depender da maneira que se dissemina pode ser algo positivo ou negativo de acordo com o conteúdo discorrido.

Quanto a apresentação do livro o contexto caracteriza como “malcriação” ou provocação o fato de Emília se dirigir a Tia Nastácia como *pretume* (que de acordo com o dicionário se refere a característica, particularidade, ou estado de negro, a própria cor preta, aquele desprovido de luz; sem claridade; escuridão) além de também aparecer o termo “*mãe-preta*”, o que reforça o estereótipo pela cor da pele que o autor faz da personagem. Na apresentação também se afirma que as histórias contadas no livro são de modo bem-humorado, engraçado e divertido. O que se faz refletir se realmente possíveis práticas racistas seriam engraçadas? Divertidas para quem? Não seria o autor consciente da gravidade de tais atos para com os quais são atingidos pelas possíveis ofensas?

A edição do livro apresenta uma nota por Tatiana Belinky enfatizando que o “jeito” como Tia Nastácia é tratada merece ser discutido, entretanto sabe-se que o combate contra o racismo é para além das discussões, englobam ações de extinção das práticas racistas, discriminatórias e preconceituosas.

Uma observação notável é sobre as concepções que envolvem os personagens, o fato de que apesar de Nastácia ser chamada de “Tia”, ela não configura ser alguém que pertence ao parentesco dos outros personagens da história. Os transcritos não a definem como uma pessoa pertencente a composição familiar já que o tratamento lhe atribuído não contempla essa caracterização, a figura da personagem estar envolvida as funções domésticas de cozinha e servidão. O tratamento lhe conferido muito se assemelha as situações antigas e também contemporâneas de analogia a escravidão na sociedade brasileira, em que famílias de classe média alta mantêm em seus lares mulheres negras para que realizem trabalhos domésticos sem nenhum tipo de salário ou remuneração, até mesmo em cárcere privado e justificam seus atos criminosos associando esses indivíduos escravizados como entes da família para dissimular a ação de manter um trabalho não remunerado em seus lares.

Refletindo qual sentido os personagens da história atribuem a Tia Nastácia nos deparamos com aspectos de exploração da força do trabalho, uma vez que, se menciona a realizações de serões<sup>12</sup> pela personagem, estando em cena sempre na cozinha, não possuindo

---

<sup>12</sup> Trabalho que se realiza fora do horário do expediente. Ofício noturno que se pode estender até à manhã seguinte; seroada. Tempo desse trabalho ou valor recebido para o realizar. Período de tempo situado depois do jantar até ao

vida fora do sítio, além de não ser pontuado nada sobre seu salário, por exemplo. A análise do comportamento dos outros personagens da trama para com Tia Nastácia evidencia um significado que reforça uma relação banhada no preconceito e discriminação para com a mulher negra, assim como para com seu povo e seus saberes. Florisbete Silva (2021) em suas análises sobre a temática esclarece a respeito:

O dizer do locutor também predica Tia Nastácia como uma mulher que pode ser sábia [**deve saber**], mas esse saber não está atrelado ao conhecimento científico, e sim a um saber folclorizado, um saber oriundo de histórias que o povo vai contando, de geração a geração. Essa significação apaga a contribuição do povo negro em outros processos de produção intelectual em nosso país, nas diversas áreas do conhecimento, bem como reitera o epistemicídio que negras e negros vêm enfrentando ao longo da história, os entraves constantes em sua luta pela garantia dos seus direitos em participar dos espaços de poder nas instituições acadêmicas, como bem acentuam Abdias do Nascimento ([1980] 2019) e Sueli Carneiro (2011). (SILVA, 2021, p.7-8)

Esse apontamento nos revela uma interpretação de que os povos negros são desvinculados da área de produção de conhecimento, reforçando o preconceito e o estigma de serem um povo sem cultura, história e conhecimentos, atribuindo-os a uma incapacidade e inferiorização intelectual quando se associa seus saberes a um folclore. A desvalorização dos saberes e conhecimentos dos povos negros é um epistemicídio como julga a estudiosa Florisbete Silva, que torna invisível as contribuições sociais e culturais desse povo na sociedade brasileira, o que deixa evidente ser esta prática mais uma ferramenta do fenômeno do racismo.

Compreendendo as questões de subserviência caracterizados a personagem Nastácia pelo autor o trecho destacado consiste: “- Lá vêm eles, *Sinhá!* E vêm puxando uma coisa esquisita... Quer ver que caçaram alguma paca? (LOBATO, 2003, p: 17). Nesse trecho, observamos como o diálogo entre as personagens é característico do período escravocrata, reforçando uma cultura de submissão dos sujeitos negros/as para com a sociedade branca brasileira, alimentando vieses culturais discriminatórios.

Na passagem: “É isso mesmo, *Sinhá* – tornou *a preta*. – O meu cafezinho parece que tem visgo.” (LOBATO, 2003, p:84), evidenciamos novamente um tratamento hierárquico, em que a posição de autoridade não compete a personagem Nastácia. Além de observar a sinalização da cor da pele nos diálogos.

Apesar de ter funções de empregada doméstica e ser conhecida como Tia Nastácia, o dialeto da personagem de Monteiro Lobato preserva características de subserviência

---

horário de dormir. Conjunto de pessoas que se reúne para fazer atividades recreativas como: ouvir músicas, recitar poesias, conversar etc; sarau.



característico do período da escravidão (não mais vigente), o que se torna notável nos trechos anteriores, e no seguinte destacado quando a personagem se refere a Dona Benta como *Sinhá*. Pontua-se a naturalidade dessa relação de subserviência além de notório também como a personagem comporta-se diante dos insultos recebidos por Emília, não apresentando reação de mostrar-se contrária as ofensas. Percebemos no trecho seguinte: “- Venha ver, *Sinhá*! A Emília a cavalo no tal boi de um chifre só e o Visconde puxando ele por uma cordinha, como se fosse a coisa mais natural do mundo! Credo!” (LOBATO, 2003, p:87).

A respeito da habitual denominação da cor da pele negra para se referir a Tia Nastácia, a prática é novamente observada na obra, enfatizamos a seguinte frase: “Mas corajosa, *a negra* aproximou-se, viu que era mesmo onça e: - O mundo está perdido, *Sinhá* – murmurou, de mãos postas. – É onça mesmo...” (LOBATO, 2003, p: 19).

Nesta outra frase, o autor se refere a Nastácia apenas pela cor da pele, a chamando de negra ao invés de seu próprio nome, além de salientar a característica física da personagem de modo associativo à aspectos animais quando usa a palavra beicho ao invés de lábios: “– Lá isso é – resmungou *a preta*, pendurando o beicho.” (LOBATO, 2003, p:43).

Outro exemplo constatado no texto aparece no seguinte modo: “Emília repetiu-a, terminando assim: - É guerra e das boas. Não vai escapar ninguém – *nem tia Nastácia que tem carne preta.*” ... (LOBATO, 2003, p:29). A personagem Emília caracteriza Tia Nastácia e em sua fala enfatiza um teor preconceituoso e discriminatório já que todos os seres humanos possuem a mesma cor de carne.

Uma ilustração compete à página 38 do livro “Caçadas de Pedrinho”, em que se apresenta a figura de Nastácia com a cor preta, entretanto os outros personagens não se diferem em cor na mesma ilustração, à exemplo o Rabicó (um porco) sendo um animal, não se difere das crianças no quesito tom de pele, logo não é aparente uma diversidade ou diferenciação de cor, sendo apenas Nastácia a única personagem marcada pela cor, desse modo, apenas Nastácia tem uma marcação que foge do padrão natural.

**Figura 1** - “Caçadas de Pedrinho”



Fonte: “Caçadas de Pedrinho”

A citação: “- *A pobre negra* era ainda mais desajeitada do que Rabicó e Dona Benta somados.” (p:40) reforça a ideia de que negro não possui história nem nome, quando o escritor se abstém de mencionar o nome de uma das personagens e não o faz para com os outros, acaba por criar uma classificação entre eles, onde o desprezo para com um deles é aparente.

Em outros fragmentos como: “- Qual nada, *Sinhá!* – insistiu *a negra*.” ... (p:43). “- Lá isso é – resmungou *a preta*, pendurando o beijo.” (p:43). “Só então *a pobre negra* se convenceu de que tinha errado.” (p: 48) são verificados indicadores de tratamentos preconceituosos na marcação da personagem pela cor da pele.

Além de outros aspectos importantes encontrados como: “- e Tia Nastácia, esquecida dos seus numerosos reumatismos, trepou que nem uma *macaca de carvão* pelo mastro de São Pedro acima, com tal agilidade que parecia nunca ter feito outra coisa na vida senão trepar em mastros.” (p:49). É aparente nessa passagem, a condução que o próprio autor na narrativa se faz dos termos depreciativos para associar a personagem a sua cor de pele quando a compara com uma *macaca de carvão*, não sendo restrito apenas à personagem Emília as atitudes discriminatórias.

Fragmentos do tipo: “A boneca fez um muxoxo de pouco caso. Depois, voltando-se para tia Nastácia: - E você, *pretura?*” (p:52). “Emília tratou de procurar outro freguês. Foi à cozinha e propôs o negócio à Tia Nastácia. *A negra*, que estava depenando uma galinha, nem a ouviu no começo; depois, como Emília amolasse, disse apenas, em tom de brincadeira...” (p:62),

denotam a referência que Lobato faz para com Nastácia, nos condicionando a refletir qual leitura ou interpretação faz o público negro ao ouvir ou ler essas passagens? Que justificativas fundamentam a escolha do autor em rotular tal personagem? Essas são algumas questões emergentes de tal análise.

Em outros recortes o autor se refere novamente a personagem pela cor da sua pele, a reduzindo apenas a este tipo de designação, vejamos: “Esse marquês duma figa está precisando, mas é de ir para o forno – *dizia a preta*, que nunca tomara muito a sério a fidalguia do leitão.” (p:68). “*A negra*, que nada sabia a respeito de rinocerontes, ofereceu-se para ir espantar o bicho com o cabo de vassoura.” (p:69).

Em outra passagem dirigem-se a Nastácia de modo descortês e em suma, associa-se a sua cor e idade a aspectos depreciativos, apresento-lhes: “*A negra* teve um faniquito dos de cair desmaiada no chão. Ouvindo o baque do seu corpo, todos pularam da cama – e foi uma dificuldade fazê-la voltar a si. *Desmaios de negra velha é dos mais rijos.*” (LOBATO, 2003, p:71). Conforme o trecho: “Apesar de nunca saídos daqui tais homens bem que podiam mudar-se para a África, a fim de ensinar os negros do Uganda como é que se caçam feras...” (LOBATO, 2003, p:80 e 81), podemos notar que Lobato demonstra uma das características eugênicas<sup>13</sup> preconceituosas. Isso quando pretensiosamente no que diz respeito ao outro, no caso os negros, acabar por nos seus transcritos atenuar a capacidade de caça dos negros aos rinocerontes, assim não seriam os negros capazes de caçar tais feras características de seu próprio ambiente, diminuindo as suas habilidades e inteligência quando propõe que os homens do governo brasileiro se mudem para a África no intuito de ensinarem os negros tal feito.

Lobato também emprega à Nastácia a característica da ignorância, e isso fica claro quando Dona Benta soletra a palavra rinoceronte para a personagem a corrigindo, além de ressaltar também a ligação de que a personagem faz sobre a impossibilidade de aprendizagem, resumindo a uma profunda ignorância e ser incapaz de aprender. Analisemos este aspecto na passagem abaixo:

“E o Visconde, *Sinhá*, repare o jeitinho dele, puxando o boi...  
- Não é boi, Nastácia, é ri-no-ce-ron-te – emendou Dona Benta.  
- Para mim é boi – insistiu *a negra*. – Não sei dizer esse nome tão comprido e feio. Estou velha demais para decorar palavras estrangeiras” (LOBATO, 2003, p:87)

Sobre os argumentos controversos que descaracteriza o autor como propagador de concepções preconceituosas estabelecem os seguintes trechos: “toda a bicharia olhou para cima,

---

<sup>13</sup> Compete subjugação da raça negra no que condiz as habilidades e inteligência.

com água na boca. Não tinha comido na véspera, o apetite era forte e viram que iam ter uma bela variedade de petiscos – um menino, duas meninas, um leitão, uma boneca, *uma velha branca e uma velha preta*”. (LOBATO, 2003, p:49)

No trecho acima há uma referência no termo *velha* tanto para Dona Benta quanto para Tia Nastácia sendo a distinção de uma para com a outra a cor da pele. A citação destacada pode descaracterizar a afirmativa do autor ser racista pelo fato de dirigir somente a Tia Nastácia pela cor da pele, embora na maioria das vezes é sempre a personagem de Nastácia associada a cor de pele, resumindo-a somente a esta essa caracterização. No recorte: “Se as granadas da Emília não tivessem produzido aquele maravilhoso resultado, a *boa negra* realmente não escaparia de virar furrundu de onça...” (LOBATO, 2003, p:51). Verifica-se nesse recorte que o autor associa a cor da pele da personagem a uma qualidade positiva, embora na maioria do texto isso não aconteça. Já em: “queria continuar o seu passeio no carrinho. Mas não pôde. Tia Nastácia já estava escarrapachada dentro dele. – Tenha paciência – dizia a boa criatura. – Agora é minha vez. *Negro também é gente, Sinhá...*” (LOBATO, 2003, p:94).

Nesta passagem, traduz a reafirmação do negro como indivíduo, ou seja, como pessoa, o que caracteriza uma das nuances que permeia a luta do negro brasileiro. Compreende-se que talvez nessa citação que o autor tenha pôr conceituar a luta que os negros travam em favor da sua valorização como pessoa no território brasileiro, além de enfatizar a importância do indivíduo como pessoa, por mais percalços que tenham-se enfrentados ao longo do decurso. Na parte do texto em que se expõe: “Mas cada vez que uma criança (de qualquer idade) “conversar” com a Emília, lendo um livro de Lobato, vai ouvir a voz do seu autor incentivando a liberdade da imaginação, o prazer de ler.” (LOBATO, 2003, p:96). A citação explica exatamente o poder que a leitura tem para com seus leitores, do mesmo modo em que se afirma que o autor por meio dos livros incentiva a liberdade e o imaginário, pode também argumentar que se pode causar constrangimentos e desconfortos aos sujeitos vitimados por ações pejorativas a respeito do seu grupo étnico e sociocultural ou incentivar e propagar conceitos preconceituosos e discriminatórios, assim como aparenta sugerir Lobato em referência aos indivíduos negros, ficando exposto o modo que retrata a personagem Nastácia.

#### 4.3 ANÁLISE DA OBRA “MEMÓRIAS DE EMÍLIA ”

A narrativa “Memórias de Emília” propõe abordar as histórias vividas de uma das personagens mais famosas de Monteiro Lobato, a boneca de pano Emília. Muito esperta e

atrevida Emília faz parte da composição dos habitantes do Sítio do Pica Pau Amarelo, e na obra que será analisada a personagem se dispõe a registrar numa biografia escrita pelo seu amigo Visconde de Sabugosa suas maiores façanhas e aventuras. O texto discorre sobre a estória de um anjo chamado “Flor das Alturas” que cai dos céus no sítio e é encontrado por Emília, e deste fato provém todas as aventuras vividas pelos personagens do Pica Pau Amarelo como a ida de crianças inglesas para visitar o anjinho, a luta entre Popey e Capitão Gancho, os marinheiros de Wonderland e as façanhas de Pedrinho e Peter Pan.

No que aborda ao tratamento a respeito da cor da pele de Tia Nastácia notamos a seguinte passagem: “No entanto, se você comparar *a mais suja negra* da rua com uma vaca, dizendo: ‘Você é uma vaca’, *a negra* rompe num escândalo medonho e se tiver armada de revólver dá tiro...” (LOBATO, 2009, p: 21). A mulher negra nessa passagem é associada a um aspecto imprescindivelmente pejorativo, comparando-a com coisas ruins como por exemplo, a sujeira, além de associá-la ao emblemático da mulher raivosa, relacionando-a com práticas de violência, o que configura ações discriminatórias comuns para com a população negra, que genericamente é taxada como selvagem, violenta, de necessário controle dos indivíduos, o que reflete na força de controle e repressão que o Estado brasileiro utiliza no tratamento de seus cidadãos negros, por exemplo. Em outro discurso da obra verifica-se: “- Credo! – exclamou *a preta*. – Esses ingleses têm cada uma! ... Bem diz Pedrinho que eles são ‘cêntrico’. – “Excêntricos, Nastácia” – corrigiu Dona Benta.” (LOBATO, 2009, p:30). Este discurso apresenta indicadores de marcação da personagem pela cor da pele, como as diversas outras apresentadas ao longo das análises neste trabalho, investigadas nas obras em questão, além de ressaltar a relação dos sujeitos negros com a falta de conhecimento, configurando o ser a ignorância e necessidade de lhes conferir educação, isso é notável quando Nastácia é corrigida a todo tempo, seja por Dona Benta ou pelas crianças do sítio.

Assim como também se apresenta o trecho: “– Enrola os bolinhos entre as palmas brancas de suas *mãos pretas* e os põe em lata num buraco muito quente chamado forno.” (LOBATO, 2009, p:38). No trecho destacado o autor se refere a personagem de Tia Nastácia pela cor da pele e não pelo nome, não que a cor preta seja ruim, ou a associação da cor seja ruim, o fato é que essa concepção só é atribuída a personagem de Nastácia e a cor preta, os outros personagens seguem numa linha de normatização que não necessita ser diferenciada ou enfatizada, o que acaba por caracterizar certa classificação entre os indivíduos e em maioria das vezes essa classificação relaciona-se à pontos negativos e pejorativos que compõem o ressaltar da cor negra, como evidenciou um dos trechos anteriores que cita “*negra suja*”.

Quando analisamos a fala de Emília na seguinte passagem: “Burrone! *Negra beijuda!* Deus que te marcou, alguma coisa em ti achou. Quando ele preteja uma criatura é por castigo.” (LOBATO, 2009, p:69). Assim como outro trecho que diz: “Emília explicou: - Esta burrone teve medo de cortar a ponta da asa do anjinho. Eu bem que avisei. Eu vivia insistindo. Hoje mesmo insistir. E ela, com esse *beijão todo*: ‘Não tenho coragem... É sacrilégio...’. *Sacrilégio é esse nariz chato.*” (LOBATO, 2009, p:69).

Temos nos dois últimos trechos referências de Emília para Nastácia baseada em modo pejorativo destacando suas características físicas de forma negativa. Relaciona também a cor da pele da personagem a uma marca negativa atribuída por Deus, de maneira a definir como castigo uma pessoa ter uma pele negra. Essa passagem se interliga a estória da Maldição de Cam<sup>14</sup>, usada como uma das justificativas a crueldade da escravidão cometida pelos europeus, o que reforça uma concepção preconceituosa e discriminatória utilizada há séculos atrás.

Outro período dispõe: “- É isso mesmo. Sou tudo isso e ainda mais alguma coisa. Pode ficar como está. Cada um de nós dois, Visconde, é como Tia Nastácia nos fez. Se somos assim ou assados, a culpa não é nossa – é da *negra beijuda.*” (LOBATO, 2009, p:76). Novamente, é aparente o modo descortês ao qual a boneca se dirige a personagem, marcando sua cor da pele, além de culpar a personagem pelos seus defeitos, o que nos conduz a constatar atribuições de negatividades para com a mulher negra, neste caso representada pela personagem da Tia Nastácia.

Neste segmento temos: “Cada vez que Emília falava na *negra* lembrava-se do anjinho fugido, de modo que naquele momento esqueceu das Memórias para pensar nele.” (LOBATO, 2009, p:76). Em outra passagem, apresento-lhes: “- Não posso falar nessa *negra beijuda* sem que o sangue não me venha à cabeça, Visconde! Perdermos Florzinha das Alturas só por causa de um tal “sacrilégio” que a burrone inventou! Impossível conformar-me com a perda do meu anjinho...” (LOBATO, 2009, p:76).

Na passagem, Emília dirigir-se a Nastácia salientando seu fenótipo para atribuir-lhe características pejorativas, utilizando de adjetivos animais como *beijuda* para caracterizar a personagem. Ou na parte da obra que apresenta o seguinte texto: “...Esse chumbinho verde vai crescendo até ficar aí do tamanho de uma noz. Começam então a mudar de cor. Perdem o verde, ficam pretas como Tia Nastácia.” (LOBATO, 2009, p:90). Assim como no trecho exemplificado abaixo:

---

<sup>14</sup> Competia a África submetida à maldição lançada por Noé ao filho de Cam, Canaã, que fez Canaã ficar negro por castigo, similar ao que acontecera com Caim, respaldando em 1455, com a promulgação da Bula Romanus Pontifex, a escravização e a exploração da África pelo Reino de Portugal.

Eu vivo brigando com ela e tenho-lhe dito muitos desaforos – mas não é de coração. Lá por dentro gosto ainda mais dela do que dos seus afamados bolinhos. *Só não compreendo por que Deus faz uma criatura tão boa e prestimosa nascer preta como carvão.* É verdade que as jabuticabas, as amoras, os maracujás também são pretos. Isso me leva a crer que *a tal cor preta é uma coisa que só desmerece as pessoas aqui neste mundo.* Lá em cima não há essas diferenças de cor. Se houvesse, como havia de ser preta a jabuticaba, que para mim é a rainha das frutas? (LOBATO, 2009, p. 90 e 91).

Discorre o tratamento que Emília faz à Tia Nastácia, a própria boneca diz que os “desaforos” lhes dito não são de coração. Entretanto, Emília faz menção de que não compreende o fato de Tia Nastácia ser boa e ao mesmo tempo ter pele preta, o que se subentende que para a boneca a bondade não está associada a cor preta, o que é um pensamento racista, preconceituoso e discriminatório. A boneca ainda afirma que a cor preta desmerece as pessoas no mundo, logo torna as pessoas de pele preta indignas e não merecedoras, em suma, também expressa que “lá em cima” (provavelmente na dimensão celestial) não há diferenças de cor, portanto a boneca deslegitima a diversidade já que insinua haver padronização de cor, pois para ela não existiria diferenças. Esse trecho compreende a uma complexidade, pois Emília afirma que o mundo em que vive desmerece os indivíduos pretos por conta da sua cor de pele, o que se faz perceber que Monteiro Lobato possui total ciência do racismo na sociedade brasileira (o que reforça ser o fenômeno do racismo uma construção ideológica), todavia em um plano surreal as diferenças de cor não existiriam, além da cor preta ser associada as outras coisas que a sua compreensão não são negativas como as jabuticabas, segundo ela rainha das frutas. Logo, é nítido a compreensão do escritor para com o fenômeno, e as fragilidades que sustentam a construção ideológica social deste, porém esses elementos não se caracterizam potentes para uma perspectiva antirracista.

Compreendendo as questões de subserviência e submissão nesta obra temos determinados trechos selecionados: “Estou, sim, *Sinhá*. Mas boi não é. Por este caminho nunca passa boiada. Coisas dos meninos, *Sinhá* vai ver. Alguma nova reinação com o tal pó de pirlimpimpim. Eles não dormem...” (LOBATO, 2009, p:25), a preservação de uma relação hierárquica se mantém nesse trecho da obra.

Os aspectos de tratamento relativos a um Brasil escravocrata, enfatizando a condição de submissão que Tia Nastácia possui perante Dona Benta são aparentes também nesses períodos selecionados: “- Credo! – exclamou Tia Nastácia. – Se aquilo tudo é criança, onde vamos parar, *Sinhá*?” (LOBATO, 2009, p:26) ou “– Nem sei, *Sinhá*. Não espiei ainda – nem tenho coragem de espiar. Estou só imaginando os ‘horrores’ ...” (LOBATO, 2009, p:30) e ainda em:

Tia Nastácia apareceu nesse momento.  
 - Corra, *Sinhá!* – dizia ela. – Venha ver! Seu Pedrinho e aquele outro deram uma tunda no marinho do pu! pu! que o coitado virou massa de gente. Venha ver que coisa linda, *Sinhá!*. (LOBATO, 2009, p:61).

Destacando o fragmento a seguir nos deparamos com o seguinte discurso:

“Rolou criança para dentro do terreiro como rolam grãos de café da tulha aberta. Lindas todas, de todos os louros possíveis e de um corado de maçã ou pêssego. Olhos azuis, pele alvíssima. Como são lindas as crianças inglesas! Para transformá-las em anjos bastaria colar nas costas de cada uma duas asinhas. (LOBATO, 2009, p:28)

O fragmento exalta a beleza das crianças inglesas, relacionando suas características a elevado grau do belo, logo constata-se que o autor ao enaltecer determinadas características físicas poderá possivelmente estar classificando e padronizando uma ideologia do que seria o belo, o que conseqüentemente poderia ocasionar em certa negação de identidade daqueles que não se enquadram nessas concepções de beleza.

No trecho em que enfatiza: “Isto de cozinhar, menina, tem seus segredos. *Só mesmo para uma criatura como eu que nasci no fogão e no fogão hei de morrer.*” (LOBATO, 2009, p:58), a própria personagem refere-se a si própria como apenas uma redução da função que exerce, e isso mostra-se evidente quando a mesma afirma que nasceu e morrerá no fogão, restringindo-se apenas a função de cozinheira, o que define a personagem somente ao caráter de serventia, não atribuindo-a diversas outras qualidades pessoais que todo ser humano possui.

Na interpretação perante as passagens que envolve argumentos de defesa do autor citemos:

Tia Nastácia, essa é a ignorância em pessoa. Isto é... ignorante, propriamente, não. Ciência e mais coisas dos livros, isso ela ignora completamente. Mas nas coisas práticas da vida é uma verdadeira sábia. Para um tempero de lombo, um frango assado, um bolinho, para curar uma cortadura, para remendar meu pé quando a macela está fugindo, para lavar e passar roupa – para as mil coisas de todos os dias, é uma danada! (LOBATO, 2009, p:90)

A citação destaca as proezas de Tia Nastácia no que condiz as atividades cotidianas domésticas, mostrando um apreço a respeito das funções a que a personagem desempenha, todavia precisamos ressaltar que os elogios destinam-se as atividades que envolvem seu trabalho e não as suas qualidades pessoais, além do mais é enfatizada a sua falta de habilidade a respeito de conhecimentos de ciência e livros instrumentos importantes para formação pessoal de um indivíduo perante a perspectiva ocidental, mas não se elogia os saberes tradicionais que a personagem carrega consigo, se menospreza os saberes da vida, aquele conhecimento singular



que cada um de nós trazemos e que não aprendemos nos livros e nem com a ciência, mas sim com a vida, com o meio em que pertencemos, com nossos grupos sociais e principalmente com o outro. Isso acaba sendo invalidado pelo autor e faz parte de uma perspectiva eurocêntrica que desvaloriza o que é diverso de suas crenças e conceitos.

Portanto, a analítica das obras apresenta-nos possíveis indicadores da relação do autor com pensamentos, práticas e ideias preconceituosas e discriminatórias no que tange a cor/raça (preta/negra). É notável no decorrer das obras analisadas o modo pejorativo no qual o negro é representado. Aspectos em referência ao estereótipo negativo da cor da pele e dos traços físicos são enfatizados negativamente assim como a atribuição de características do período escravagista (este não mais vigente no período da produção e publicação das obras) como a subserviência das mulheres negras, a inferiorização do sujeito negro, a padronização e normatização do indivíduo branco no âmbito social que se mantém em posicionamento de nível mais alto hierarquicamente e a ridicularização dos(as) negros (as), aspectos fortemente presentes nas obras, o que torna quão perigoso o possível reforço de tais ideias propagadas nas leituras de indivíduos conscientes ou não das práticas e consequências do racismo brasileiro.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos indícios apresentados na pesquisa, tornou-se possível constatar a presença de abordagens racistas e preconceituosas nas produções literárias do escritor Monteiro Lobato. Compreendendo a relevância de despir os reais ideais expostos ou ocultos nos discursos de suas obras infantis, que representam pejorativamente as crianças negras que leem as produções literárias e reforçam ideologias racistas as crianças não-negras. A importância de se investigar tais conteúdos se relaciona ao perigo que os âmbitos educacionais (seja família ou escola) estejam propícios a formar cidadãos com bases e mecanismos emergidos no racismo ao qual se utiliza essas obras. Sendo fundamental romper o ciclo de uma educação convencional que promova a reprodução de práticas que desconsidere ou discrimine o cidadão negro, muito menos uma educação que distribua materiais pedagógicos como recursos didáticos que semeiem a inferiorização e exclusão. Logo, é permissível a esfera acadêmica, como também por exemplo, aos/as futuros/as pedagogos/as como esta autora que vos escreve, contribuir efetivamente para dissolução de processos educacionais compostos por práticas de leituras relacionados a representação negativa, desumanização, racismo, políticas eugênicas ou apagamento do outro. Em suma, conclui-se que os objetivos que englobam a investigação e compreensão do posicionamento do negro nos escritos do autor; a verificação das expressões pejorativas e discriminatórias direcionadas a raça negra nas obras e a identificação das abordagens e conteúdos racistas e preconceituosos das produções infantis do literato foram alcançados com as análises e comprovações destacadas ao longo da obra.

Levando em consideração todos os elementos das análises apontados no capítulo três, relacionados aos outros tantos indicadores expostos neste trabalho, o percurso traçado nos conduz a um posicionamento afirmativo de que o autor paulista Monteiro Lobato assumi uma identidade com preceitos que incorporam o racismo, o preconceito, a eugenia e a discriminação para com o sujeito negro/a. Ao debate que se estabelece sobre a ruptura da dignidade do escritor, saliento que as declarações enfáticas de indignação perante sua postura e direcionamento a população negra se caracteriza como apenas ferramentas de defesa aos insultos e/ou ataques que o autor vem proferindo em seus discursos, sejam eles literários ou pessoais atribuídos a maior parcela da população brasileira, que a tantos anos vem sendo marginalizada, inferiorizada e desprezada ao seio da sua própria nação. Teria pensado Monteiro Lobato na dignidade do sujeito negro, ao discorrer seus ataques? Certamente lhes respondo que não, assim como a elite que comanda a sociedade brasileira, o literato não o fez, e sendo categoricamente mais incisiva

dignidade é uma característica humana não atribuída aos/as negros/as de acordo os vieses que sustentam as ideologias e concepções racistas que Lobato compartilhava, ideologia esta que descaracteriza a qualidade de humanos para com os pertencentes do grupo étnico-racial negro.

Acreditar que o escritor infantil não cometeu tais atos discriminatórios e racistas, ou que o mesmo representava um período do contexto histórico social brasileiro, ou até mesmo que esteja sendo acusado injustamente, é ignorar e reforçar as falácias e mitos de que não existe o fenômeno do racismo no Brasil. É continuar mantendo políticas e ações de exclusão e opressão para com o povo que tanto contribuiu e contribui para a construção do país em favorecimento de um classe hegemônica branca que se posiciona hierarquicamente em nível superior, mantendo seus privilégios e bens as custas da classe que esse mesmo grupo explora, inferioriza e despreza.

Quando defensores de um dos considerados maiores expoentes da literatura brasileira negam as problemáticas em torno dos discursos de suas obras e insistem em posicionar o escritor em um pedestal na academia brasileira de letras, posição que até hoje ocupa, argumentando sua inocência em contrapondo aos diagnósticos levantados, apresentamos-lhes indicadores que desconstroem tais defesas, como as expostas na tese de doutorado do estudioso Ricardo Matheus Benedicto (2016), da qual apresentam escritos do próprio Lobato em trocas de correspondências com amigos, expondo seus pensamentos e ideologias conscientemente racistas para com o indivíduo negro/a. Na passagem seguinte, é notória a consciência e intencionalidade do produtor literário brasileiro ao utilizar da literatura como ferramenta para disseminação de políticas eugenistas e de discriminação aos/as negros/as em solo brasileiro, vejamos:

Já sabemos que Monteiro Lobato era defensor da eugenia. Em sua obra *O Choque das Raças* defendia que os brancos americanos exterminassem os afro-americanos por meio de processos eugênicos. Na obra *A Barca de Gleyre* que contém as correspondências – trocadas durante quarenta anos – entre ele e o escritor Godofredo Rangel (1884 -1951) podemos ler: sabe o que ando gestando? Uma ideia mãe! Um romance americano, isto é, editável nos Estados Unidos. Já comecei e caminha depressa. Meio à Wells, com a visão do futuro. O *clou* será o choque da raça negra com a branca, quando a primeira, cujo índice de proliferação é maior, alcançar a branca e bate-la nas urnas, elegendo um presidente preto! Acontecem coisas tremendas, mas vence pôr fim a inteligência do branco. Conseguem por meio dos raios N, inventados pelo professor Brown, esterilizar os negros sem que eles se deem pela coisa. (LOBATO, 1944, p. 467 *apud* BENEDICTO, 2016, p. 174 -175)

A passagem nos revela uma estratégia sorrateira que compreende os pensamentos do autor, sendo ela a de esterilizar os/as negros/as sem que eles se deem pela coisa. Essas estratégias compõem os projetos eugenistas que ansiavam o embranquecimento da população

brasileira por meio de mecanismos de extinção dos afro-brasileiros. Identificamos a perversidade quando se propõe atacar tal “inimigo” sem dispor a este a consciência de tal ato, ou as chances de defesa, quando desejamos que eles não se deem conta dos ataques, artimanhas características de uma verdadeira guerra, e esta injusta, desigual e nebulosa as perspectivas dos indivíduos pretos.

Aos argumentos que fracamente fundamentam a teoria de que o escritor infantil, estaria utilizando do seu talento literário (este não negado ao longo do trabalho exposto, pois não se configura como um dos objetivos do debate a discussão o talento de Monteiro Lobato para escrever, e sim suas práticas e ações que disseminam, mantém e reforçam o racismo na sociedade brasileira) para produzir textos de caráter fantasioso, sem consciência ou intencionalidade de ferir ou ofender quaisquer grupos, ou que foi levado pelos contextos e concepções que abrangiam a época, comprovamos nos estudos seu desmoronamento, se mostrando evidente que o escritor brasileiro possuía intencionalidade às suas ações e instrumentalizava sua literatura para as finalidades das práticas discriminatórias. Vejamos, conforme nos expõe Benedicto (2016):

Ademais devemos ter em mente que o pensador paulista em carta a Renato Kehl em setembro de 1930 confessou que a literatura **“é um processo indireto de fazer eugenia, e os processos indiretos, no Brasil, ‘work’ muito mais eficiente”** (DIWAN, 2007, p.111). Assim, Lobato conscientemente utilizava em seus livros infantis as expressões acima, e inúmeras outras citadas, que até hoje são usadas como insulto aos afro-brasileiros, para difundir indiretamente seus ideais eugênicos. (BENEDICTO, 2016, p. 176- 177)

Como vimos, as intenções em utilizar da literatura para disseminação dos ideais eugênicos e conseqüentemente do racismo presente neles é uma realidade que compreende aos feitos de Monteiro Lobato, o que garante mais uma vez, sua postura racista e eugênica, configurando assim seus descritos em obras relacionados a população negra como indefensáveis.

Particularmente me posiciono entre aqueles que não ignoram o racismo presente nas obras do escritor, visando um repensar do papel que a literatura, a escola, os professores, pais, sociedade, enfim todos os mecanismos e atores que englobam a educação, têm para com a formação do cidadão. Os resultados do trabalho nos convidam pelo menos a abertura do debate em torno da problemática, aqui não se enfatiza condenar os supostos algozes ou queimar as obras de conteúdos e abordagens preconceituosas e racistas, mas sim, debater, discutir e transformar com o objetivo de promover reparação histórica social a população negra, a

devolver a dignidade, os direitos e lhes conferir um tratamento humano que a anos e anos lhes vem sendo negados por uma sociedade estruturada no racismo.

Não é permissível continuar vedando os olhos para com o fenômeno do racismo no Brasil, e tomar como referência um autor de literatura infantil que agride psicologicamente a identidade e cultura dos afro-brasileiros, estimulando a hegemonia do grupo étnico-social branco. É necessário um enfrentamento a essas estruturas sociais para um reconhecimento da complexidade do problema enraizado que mina a autoestima e a valorização do ser de nossas crianças negras.

Promover uma educação antirracista em casa ou nos distintos espaços de instituições escolares é desconstruir paradigmas, combater o racismo e emancipar os elementos de negatividade corpórea ao ser negro. Legitimando os conhecimentos e saberes afrodiaspóricos, valorizando os sujeitos e garantindo a todos princípios mínimos como direitos e respeito.

## REFERÊNCIAS

- ARBOLEYA, Valdinei José. **O negro na literatura infantil: apontamentos para uma interpretação da construção adjetiva e da representação imagética de personagens negros.** In: Geledes. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/o-negro-na-literatura-infantil-apontamentos-para-uma-interpretacao-da-construcao-adjetiva-e-da-representacao-imagetica-de-personagens-negros/> Acessado em: 28 abr. de 2018.
- BENEDICTO, Ricardo Matheus. **Afrocentricidade, educação e poder: uma crítica afrocêntrica ao eurocentrismo no pensamento educacional brasileiro.** 2016. Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Educação. Área de Concentração: Filosofia e Educação). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo: s.n., 2016 (p.171-178)
- BOLDORINI, M. G.; MORAES, T. M. R. **Monteiro Lobato: racista ou retratista de seu tempo?** Diálogo das Letras, Pau dos Ferros, v. 05, n. 01, p. 195-216, jan./jun. 2016.
- CALDIN, Clarice Fortkamp. **A função social da leitura da literatura infantil.** Encontros Bibli: eletrônica revista Biblioteconomia e Ciência da Informação [online] 2003 (1º Semestre.): [De consulta: 29 de abril de 2018] Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=14701505> ISSN
- COSTA NETO. Antônio Gomes da. **A desconstrução do racismo através de Monteiro Lobato: Uma análise do caso “Caçadas de Pedrinho”.** Caderno de Letras, nº 25, Jul-Dez - 2015 - ISSN 0102-9576. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/cadernodeletras/article/view/7338> A cessado em: 05 out. de 2022.
- DIANA, Daniela. **O que é literatura?.** Toda Matéria, 08 out.2017. Disponível em:<https://www.todamateria.com.br/o-que-e-literatura/> Acessado 28 abr. de 2018.
- DIANA, Daniela. **José de Alencar.** Toda matéria: conteúdos escolares. 2011-2022. Disponível em <https://www.todamateria.com.br/jose-de-alencar/> Acessado em: 02 nov. de 2022
- ENSI, Peter. **Monteiro Lobato: biografia resumida e principais obras.** Resumos de literatura, 2017. Disponível em <http://www.resumosdeliteratura.com/2015/04/monteiro-lobato-biografia-resumida-e.html> Acessado em: 29 abr. de 2018.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas** / Frantz Fanon; tradução de Renato da Silveira. - Salvador: EDUFBA, 2008. p. 25 – 31. Disponível em: [https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/05/Frantz\\_Fanon\\_Pele\\_negra\\_mascaras\\_brancas.pdf](https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/05/Frantz_Fanon_Pele_negra_mascaras_brancas.pdf)
- FRAZÃO. Dilva. **Biografia de José de Alencar.** eBiografia. 2021. Disponível em [https://www.ebiografia.com/jose\\_alencar/](https://www.ebiografia.com/jose_alencar/) Acessado em 25 out. de 2022
- FERNANDES. Nathaly Cristina. **Racismo na Infância: Impactos Psicológicos.** Paraná: FAFIJAN- Faculdade de Jandaia do Sul, São Pedro do Ivaí-PR, Brasil. 2018. VII Congresso Internacional de Psicologia a UEM.- ISSN 1679-558X

FERRETTI JUNIOR, Arlindo; WESTPHAL, Euler Renato; MEIRA, Roberta Barros. Dossiê “**Acima da América está o sangue**”: a eugenia nos escritos de Monteiro Lobato. Rio de Janeiro. Revista Maracanan. n.27, p.63-93, maio/agosto. 2021.

FRAZÃO, Dilva. **Monteiro Lobato: Escritor brasileiro**. Ebiografia, 09 abr.2018. Disponível em: [https://www.ebiografia.com/monteiro\\_lobato/](https://www.ebiografia.com/monteiro_lobato/) Acesso em: 29 abr. de 2018.

GUIMARÃES, Leandro. "**José de Alencar**"; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/literatura/jose-alencar.htm>. Acesso em: 02 nov. de 2022

GOUVÊA, Maria Cristina Soares de. **Imagens do negro na literatura infantil brasileira: análise historiográfica**. São Paulo: Educação e Pesquisa, jan/abr.2005, v.31, n.1, p. 77 – 89.

INSTITUTO AMMA PSIQUE E NEGRITUDE. **Os efeitos psicossociais do racismo / The psychosocial effect of the racism**. São Paulo; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; 2008. 88 p. ilus. Disponível em: <http://www.ammapsique.org.br/baixar/Os-efeitos-psicossociais-do-racismo.pdf> Acessado em: 03 jun.2022

LOBATO, Monteiro. **Os doze trabalhos de Hércules – I**. Círculo do livro S.A. São Paulo (s.d) v.14

LOBATO, Monteiro. **Caçadas de Pedrinho**. Editora Global. 1ª ed. São Paulo, 2003. (Coleção Literatura em minha casa; v.3 Novela).

LOBATO, Monteiro (1882-1948). **Memórias de Emília**. Ilustrações Paulo Borges. – 2ed. – São Paulo: Globo, 2009.

PALO, Maria José; OLIVEIRA, Maria Rosa D. Literatura Infantil: Voz de criança. São Paulo: Ática, 2006. P.07. Slideshare. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/ArianeMafra/livrosparatodosnetmariajosepaloliteraturainfantilvozdecrianca> Acesso em: 28 abr. de 2018.

RAMOS, Alberto Guerreiro,1982. **Introdução crítica à sociologia brasileira**. Rio de Janeiro. Editora UFRJ, 1995. p.163-209.

RATTS, Alex. **Eu sou atlântica**: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006, p.94.

RIBEIRO, Djamila. **Djamila Ribeiro: ‘Não tem problema maior hoje no Brasil do que discutir o racismo’**. Portal Geledés. 20 agos.2018. Disponível em <https://www.geledes.org.br/djamila-ribeiro-nao-tem-problema-maior-hoje-no-brasil-do-que-discutir-o-racismo/> Acessado em: 03 fev. de 2019.

RODRIGUES, Raimundo Nina. **Os africanos no Brasil**. Rio de Janeiro: Biblioteca Virtual de Ciências Humanas do Centro Edelstein de Pesquisas Sociais. 2010, p. 19-43.

RODRIGUES, Rosiane. **A Maldição Africana**. In: Revista Eletrônica Extra. 15 abr.2011. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/religiao-e-fe/rosiane-rodriques/a-maldicao-africana-1604345.html> Acessado em: 31 jan.2019

SANTOS, Marcos Ramponi. **Análise das expressões dos livros de Monteiro Lobato: racismo ou realismo?** Revista Recifaqui. 2022. V.1, N.12 – ISSN 2675-5025.

SIGNIFICADO de Pretume. Dicio. 2009-2019. 7 GRAUS. Disponível em <https://www.dicio.com.br/pretume/> Acessado em 20 jan. de 2019.

SIGNIFICADO de Behaviorismo. Significados. 2011-2022. Disponível em <https://www.significados.com.br/behaviorismo/> Acessado em 28 mai. de 2022.

SILVA, Aline Luiza Da. **Trajetória da Literatura Infantil: da origem histórica e do conceito mercadológico ao caráter pedagógico na atualidade.** In: Regrad: Revista Eletrônica De Graduação / Fundação – Univem – Centro Universitário Eurípides De Marília, v. 2, n. 2, p.137, jul/dez. Marília - SP: Fundação – Univem, 2009.

SILVA, Florisbete de Jesus. **A significação da mulher negra em histórias de Tia Nastácia: uma análise de enunciações de Pedrinho, Emília e Dona Benta.** Anais do III Congresso Internacional e V Congresso Nacional de Movimentos Sociais e Educação/ISSN: 2525-4588. 2021.

SILVEIRA, Éder. Revisitando Artur Neiva: Eugenia, Educação Física e Identidade Nacional. Intellectus Revista Eletrônica. 2002. V-1. N.2 – ISSN 1676-7640.

SUPREMACISTA. da Língua Portuguesa [em linha. Dicionário priberam. 2008-2021. Disponível em <https://dicionario.priberam.org/supremacista> Acessado em: 08 out. de 2022.

VASCO, Sttela. A importância da representatividade. Noticias.Universia, 23 mar.2017. Disponível em: <http://noticias.universia.com.br/cultura/noticia/2017/03/23/1150796/importancia-representatividade.html> Acessado em: 28 abr.2018.